

Odd às Bets

Uma análise multicontextual das
apostas online no Brasil



Amanda Haikal

Escrito por Amanda Haikal

Diagramado por Giovanna Panico

Ilustração da Capa por Vi Novais

Nota sobre a capa

No centro da ilustração, uma pessoa aparece desfigurada no formato da letra B, em referência à palavra bet. Essa deformação não representa apenas a perda de si mesmo causada pelo hábito de apostar, mas também a forma como o sujeito é moldado pelo próprio sistema das apostas online, construído para induzir à adesão, recorrência e dependência, reduzindo a autonomia e a capacidade de decisão de quem joga.

A alavanca puxada pelo sujeito e os cifrões conectados a ela remetem ao tradicional jogo de slots, no qual o jogador roda rolos com símbolos na tentativa de formar uma combinação premiada. Os olhos da figura central revelam outra camada das emoções despertadas pelas bets: um estado quase hipnótico, que se mistura ao brilho nos olhos que surge a cada nova tentativa.

Reforçando a instabilidade emocional característica do comportamento do apostador, o último símbolo do jogo – inspirado na obra *O Grito*, de Edward Munch – representa o desespero que acompanha a aproximação da perda.

Ao fundo, o cenário abstrato simboliza o próprio sistema das apostas online, um ambiente distante da vida concreta. A pirâmide posiciona o apostador na base, lugar de onde a maioria não consegue sair, porque o lucro prometido pelas plataformas é, para quase todos, apenas uma ilusão.

Sumário

Apresentação	7
As apostas na cultura brasileira	11
Primeiro palpite no jogo da maioria	21
A casa sempre vence	25
A era de ouro das apostas online	29
Influencers: peças-chave na propagação do discurso	33
Bets onipresentes: estratégias na fixação de marca	41
O peso de um minuto	49
Psicológico em jogo	53
O que diz a lei	57
Na linha de frente das bets	65
Psicologia por trás do jogo	71
Quando o jogo acaba	85
Conclusão	87

Apresentação

No nome de campeonatos esportivos. Nas camisas de times da série A, B e até C. Nos telões de eventos musicais. Nas propagandas no intervalo do jornal. Esses são apenas alguns dos lugares que as bets vêm ocupando nos últimos três anos, de forma silenciosa, como se fossem naturais em espaços que cercam nosso cotidiano. Até janeiro de 2025, 138 marcas estavam regulamentadas para operar no Brasil. Mas a liberação para atuarem no país não basta. Para te convencer a jogar, as bets se tornaram patrocinadoras do seu clube favorito. Ou, para te convencer a “investir”, contrataram sua celebridade admirada para ser o rosto da marca. Revestidas do discurso de fazer uma renda extra, as apostas perderam o posto de fonte de entretenimento para se tornarem a possibilidade de custear a saída com os amigos ao final de semana ou a tentativa de tornar real o sonho de ter uma vida como a de influenciadores digitais. A narrativa ilusória que acompanha as divulgações foi o ponto de partida para a epidemia das bets, que já contaminou 22 milhões de brasileiros¹. O vício no jogo, que segundo especialistas é tão grave quanto a dependência química, já acomete quase 11 milhões de apostadores no país², sendo os adolescentes entre 14 e 17 anos os mais vulneráveis.

Para se debruçar sobre o movimento de popularização das apostas online, cabe explicar que este grupo abrange dois tipos de jogos. O primeiro deles, a qual a palavra bet faz referência direta, são as apostas esportivas.

1. Pesquisa do Instituto DataSenado, publicada em outubro de 2024 pela Agência Senado.

2. Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (Lenad): Caderno temático jogos de aposta na população brasileira - Resultados 2023, da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), publicado em 2025.

O segundo, entendido como o jogo do tigrinho, se refere aos jogos de cassino, como os slots, um tipo que consiste em girar um conjunto de rolos com símbolos distintos para criar combinações premiadas. Foi a designação de bet como um termo guarda-chuva, que engloba as duas modalidades de aposta, a adotada neste livro-reportagem.

Odd às Bets surge na tentativa de esclarecer o cenário atual das apostas online no Brasil e verbalizar o prejuízo que elas vêm causando. O despertar para essa ideia veio em 2023, quando no Aeroporto Internacional de Recife me vi cercada de faixas que divulgavam a plataforma de apostas Vai de Bet e pessoas que entregavam, como brindes, copos que estampavam a logo da marca e um cantor sertanejo reconhecido nacionalmente. A ação me causou espanto porque me revelou o quão influentes estavam os sites de apostas, a ponto de ocuparem com livre acesso um espaço internacional, onde diariamente passam milhares de pessoas. De forma contínua, a ideia do livro-reportagem foi alimentada pela perplexidade de acompanhar repetidas vezes amigos acessando casas de apostas online e, de forma quase imperceptível, cederem o protagonismo das conversas cotidianas aos palpites realizados. E em um círculo vicioso, as conversas sobre as apostas realizadas e as roletas giradas acompanhavam a promessa “essa não tem como não bater” ou “isso é dinheiro fácil”, e influenciavam novos jogos.



Brinde de site de aposta distribuído em aeroporto internacional - Arquivo Pessoal

Nas apostas esportivas, o apostador deposita um valor escolhido por conta própria em uma opção que ele acredita que ocorrerá durante a partida. O palpite é feito já sabendo quanto será o retorno financeiro caso a situação selecionada se concretize. Odd é o termo que representa o fator pelo qual o valor apostado será multiplicado caso o apostador acerte o palpite. A palavra é homônima ao poema lírico grego que exalta algo sublime, a ode. A similaridade das palavras é acaso, mas, de modo representativo, as Odds estão continuamente se popularizando, entusiasmando jovens e adultos a jogarem enquanto cantam a ode às apostas online ao influenciarem amigos e familiares a também jogarem.

Os capítulos que compõem este livro-reportagem analisam em que fase estão os cenários que tangem a operação das apostas online no Brasil. Especialistas de diferentes áreas - Economia, Direito, Sociologia e Psicologia - ajudam a traçar um panorama sobre o tema, se aprofundando em tópicos como, o fator cultural por trás das apostas, a legalização das apostas online e as consequências dos jogos de azar virtuais à saúde mental.

Ao mesmo tempo, a obra dá espaço às narrativas pessoais de quem viu a vida financeira e emocional ser afetada pela compulsão. Histórias que revelam que o vício por apostar online e os prejuízos deste hábito estão mais próximos do que você imagina, acontecendo com jovens de 20 anos e também comprometendo o orçamento de famílias.

Desde já, preciso pontuar: este livro-reportagem não conta com nenhuma mulher personagem. Como jornalista, mulher e autora desta produção, enxergo a importância de ter um relato feminino aqui. Mostrar que as mulheres, sejam jovens ou mães de família, são vítimas da popularização das bets se faz muito necessário. Segundo pesquisa da AMIG (Associação de Mulheres da Indústria de Gaming), publicada em maio de 2025, as mulheres representavam 51% do público apostador. Pela primeira vez no mercado das bets no Brasil, elas superaram os homens. Não são só eles que giram as roletas. As mulheres também estão buscando mudar a realidade social de suas famílias e tentando se entreter em um meio vulnerável.

A dependência não escolhe gênero, assim como o prejuízo financeiro não vê quem está do outro lado da tela. Entender as motivações por trás dos palpites das mulheres e como elas enfrentam o

azar característico e frequente das apostas é de extrema importância para romper com o estereótipo de que o jogo pertence ao universo masculino.

Na busca de concretizar esse desejo, procurei personagens nas redes sociais, no círculo de amigos e com os especialistas entrevistados para esse livro. A maioria das tentativas acompanhavam a resposta “não conheço nenhuma”, bem diferente de quando a pesquisa era por um homem. Os esforços até resultaram em conversas com as possíveis entrevistadas, mas depois de algumas mensagens, elas decidiram não continuar as tratativas. Esclarecer esse ponto antes de você avançar nas próximas páginas é ser realista com as expectativas que podem ser criadas. Mas muito além disso, é abrir espaço para refletir sobre o silêncio como forma de autoproteção. Não se trata de uma censura imposta, mas de um reflexo de uma sociedade que ainda faz com que muitas mulheres escolham se calar para não serem julgadas.

A vergonha e a culpa cercam o insucesso em qualquer situação, e no universo das bets esse sentimento é acompanhado pelo julgamento que cai sobre o apostador, aquele que é visto como ingênuo por ser influenciável e, ao mesmo tempo, responsável pela falta de entendimento. Para as mulheres, o julgamento vem com ainda mais peso, o que já é característico socialmente em qualquer situação. Nós somos, historicamente, sempre mais julgadas e criticadas. É a culpabilização que as faz guardar a situação de prejuízo com as apostas online e o sentimento de vulnerabilidade que cerca a perda. Esse afastamento do lugar de fala como mulher que aposta – ou já apostou – não deve ser ignorado. Ele precisa ser reconhecido como parte do problema que esse livro se propõe a revelar. A partir das próximas páginas, você encontrará análises e histórias baseadas em relatos reais que tornam compreensível como as apostas online têm atravessado diferentes contextos, com consequências desmedidas e urgentes de solução.

Capítulo 1

As apostas na cultura brasileira

Talvez falar sobre apostas online pareça distante para você. Diariamente questões sociais vão se atropelando no Brasil, e um problema se sobrepõe ao outro. Você pode até não ouvir ou ler semanalmente conteúdos jornalísticos que tematizam os efeitos das bets no país. Mas, diariamente, estes efeitos são corporizados. Sem precisar se deslocar, e, por consequência, correndo menos riscos de serem vistos, brasileiros apostam em casa, no trabalho, no bar e no transporte público. E enquanto conversas sobre o problema econômico e de saúde pública decorrente da prática faltam, a quantidade de palpites feitos nas casas de apostas cresce em uma progressão intensa. As bets se acomodaram na nossa sociedade com a naturalidade de quem sempre pertenceu a ela.

Foi dando aulas no Ensino Médio que o cientista social Caio de Azevedo Barros percebeu a posição que a prática de apostar online estava ocupando na vida de uma parcela dos jovens cariocas de 15 anos. A temática dos jogos de azar online surgia sempre associada à ideia de um trabalho, com mais flexibilidade de horários e possibilidade de ganhos. De forma inesperada, enquanto fazia trabalho de campo em Realengo, bairro na Zona Oeste do Rio de Janeiro, Caio notou o mesmo discurso dos adolescentes em homens de 50 anos.



LinkedIn / Caio de Azevedo Barros

– Quando eles ganham dizem que estão trabalhando, e quando perdem, estão se divertindo. Mesmo sendo maiores estatisticamente, as perdas jamais são contadas. Para o apostador, apostar é uma habilidade: ele se aproveita do conhecimento que tem sobre investimentos e futebol, por exemplo, e assume a posição de quem faz dinheiro rápido, seja para levar a namorada para comer um lanche ou para beber uma cerveja com os amigos.

A ideia de conseguir dinheiro rápido para um pequeno luxo vem sendo popularmente interpretada como um ato de sagacidade. A possibilidade de ir a uma festa no final de semana ou comprar carne para organizar um churrasco torna as apostas atrativas, e diferente do jogo de azar mais enraizado no imaginário nacional – o Jogo do Bicho –, as bets ainda não adquiriram um olhar estigmatizado. Pelo contrário, são vistas como “investimento” por ser um tipo de aposta também realizada por pessoas da classe alta. Esse comportamento revela a mudança simbólica do apostador na cultura brasileira. Se antes ele era visto como alguém que buscava o inalcançável ou flertava com a sorte, hoje ele é frequentemente percebido como alguém que tem visão de oportunidade e raciocínio rápido. Essa percepção está diretamente relacionada à forma como as apostas são promovidas nas redes sociais, através do discurso de que apostar é um caminho fácil e prático para ascensão econômica – assunto explorado no próximo capítulo.

Definir um marco genealógico que mostre quando o fator risco foi incorporado ao jogo, uma atividade que permite ao ser humano experimentar e aprender em cenários irreais, é difícil. Ainda assim, traçando uma linha do tempo, se tem pistas que os jogos de

azar são uma herança da formação das grandes cidades brasileiras, como São Paulo e Rio de Janeiro, onde estavam cassinos e jôqueis-clubes copiados do Norte Global. Esses espaços surgem associados à elite, e jogar neles significava prestígio social. Eles assim permaneceram até a Era de Ouro dos jogos no Brasil, quando em 1934, o presidente da época, Getúlio Vargas, legalizou as casas de apostas. No período, estes espaços eram centros de entretenimento, que recebiam grandes espetáculos musicais e artísticos.



Interior do Cassino da Urca (RJ), em 1941 - Hart Preston/Revista Life



Cassino Antarctica, em Ribeirão Preto (SP), em 1920 - Fundação Biblioteca Nacional

O Cassino Antarctica ficava na esquina entre as ruas Américo Brasiliense e Amador Bueno, na região Central de Ribeirão Preto. Inaugurado em 1914, pelo francês François Cassoulet, o cassino contava com bailes de artistas famosos, jogatinas e prostituição. Era frequentado pelos grandes coronéis e políticos importantes, além de estrangeiros e boêmios. Cassoulet se notabilizou como o grande administrador de entretenimento no município, entre eles, o consagrado Teatro Carlos Gomes.

O local que abrigava a casa de jogos de azar homônima a consagrada cervejaria da Califórnia Brasileira parece ter nascido com vocação para a fortuna. Antes do Cassino Antarctica, o mesmo ponto abrigava o Cassino Eldorado, um dos marcos do entretenimento da cidade na virada para o século XIX, em 1900.

Em entrevista, o historiador Rubem Cione afirmou: “Nesse cassino, os ricos fazendeiros acendiam charuto com notas de 500 Mil Réis. [...] chamava e despertava o mundo inteiro para a riqueza de Ribeirão Preto”. Atualmente, o local é ocupado pelo Banco Santander.



Local ocupado pelo Cassino Antarctica atualmente - Arquivo Pessoal

Doze anos mais tarde, em 1946, o presidente da época, Eurico Gaspar Dutra, decretou a Lei das Contravenções Penais, colocando fim à legalização do jogo. O fato se seguiu de tentativas fracassadas de regulamentação, chegando aos dias atuais, com as apostas online em alta. O boom desse tipo de jogo no país aconteceu em 2018, quando sob o governo de Michel Temer elas foram liberadas provisoriamente. Quatro anos mais tarde, caminhando para o fim da pandemia do coronavírus, as bets se popularizaram de vez, especialmente pela associação com a paixão nacional – o futebol –, com plataformas de jogos se tornando patrocinadoras de times e estampando camisas.

Embora o foco deste livro-reportagem seja analisar comportamental e culturalmente as apostas online no Brasil, fazer um resgate histórico nos ajuda a entender as considerações sociais que já cercaram a prática.

– A popularização dos jogos de azar tem no Jogo do Bicho o seu grande símbolo. Mas esse não é o único marco de envolvimento dos brasileiros com o ato de apostar. Eu sempre gosto de falar um pouco das brincadeiras de apostar que são presentes na cultura popular,

como o jogo do palitinho, as loterias ou o boca a boca, onde amigos apostam, por exemplo, uma cerveja quando os times de cada um jogam juntos.

*"Bebeto subiu o morro gritando fiz treze
Mandando a miséria pra casa do chapéu
Mandou repetir a rodada de cerva três vezes
Dizendo que bancava tudo
Que também era coronel"*

Bebeto Loteria, Fundo de Quintal

O jogo é constitutivo da experiência humana. Mas ao deslocarmos o olhar especificamente para os jogos de azar, acrescentamos papéis sociais e questões culturais que cercam a experimentação.

Por exemplo, no Brasil, a ideia de sorte está intimamente ligada à religiosidade popular. Expressões como "vou rezar para dar sorte" aparecem com frequência quando alguém fala sobre apostar. Esse cruzamento entre fé e sorte revela como a prática do jogo de azar também se insere em pensamento de esperança, onde o ganho inesperado pode ser interpretado como uma bênção ou recompensa divina. No cenário das bets, esse discurso tem sido usado por influenciadores digitais como forma de legitimar os ganhos e incentivar palpites nos seus seguidores.

Outros tópicos que sempre se relacionam com as apostas são classe e gênero, comenta Caio.

– O Jogo do Bicho nasce no Rio de Janeiro e é criminalizado justamente por se tratar do jogo dos pobres. E as apostas no Brasil, de forma geral, reforçavam o papel da masculinidade, do homem que tem conhecimento sobre esportes e, ao mesmo tempo, sabe administrar o dinheiro de forma sagaz. Enquanto apostar no bolão da virada era, e ainda é, visto como legal, o jogo do bicho sempre esteve associado à malandragem. As bets vêm, pouco a pouco, democratizando esse cenário e desconstruindo esse papel do apostador estigmatizado. Antes pertencente à elite, depois associado às classes

populares e hoje com envolvidos em todas as classes e gêneros. Uma pesquisa do Instituto DataSenado, publicada em outubro de 2024, revelou que 62% dos apostadores são do sexo masculino, 52% dos apostadores recebe até dois salários mínimos e 40% têm ensino médio completo. Já um levantamento do Instituto Locomotiva, realizado com 2 mil pessoas em agosto de 2024, mostrou que, no primeiro semestre de 2024, 25 milhões de brasileiros se tornaram apostadores online, sendo 62% mulheres. Assim, embora o volume total ainda seja maior entre homens, a velocidade de crescimento entre mulheres sinaliza uma democratização real do perfil de apostador. Diante desse panorama, o cientista social Brauner Cruz, parceiro de estudos de Caio, destaca dois movimentos culturais: a aposta em relação ao jogo e as bets em relação às apostas.

Isso significa que as apostas online chegaram ao Brasil quando apostar já fazia parte da nossa cultura. Porém isso não significa que as bets tiveram impacto suavizado. Pelo contrário: é uma camada do jogo, com diferentes características culturais, que torna a prática cada vez mais perigosa e intensa no sentido danoso.

Outra mudança cultural fruto das apostas online foi a individualização do jogo. Para explicar, a dupla de pesquisadores resgata o bicheiro, figura incorporada à paisagem carioca: uma pessoa sentada em uma carteira escolar, com uma maquininha de cartão, ao lado de um poste exibindo os resultados do dia do Jogo do Bicho. Não havia máscara que escondesse quem ia até o bicheiro consultar os resultados do jogo. Hoje, a máscara é a tela do próprio celular. A transformação digital fez com que as apostas mudassem de cenário, e por consequência, elas adquiriram a característica de serem altamente privadas e individuais. A não ser que você compartilhe nas redes sociais, ninguém sabe que você está jogando. Você está no seu quarto, no ônibus e na sua mesa do escritório com um cassino em mãos. Brauner comenta:

– Com as apostas tradicionais, existe um certo constrangimento associado ao deslocamento que essas pessoas precisam fazer para poder realizar os seus jogos. Desde a própria relação que o jogador tem com a pessoa que registra o jogo, já que ele acaba sendo conhecido. Até pessoas que estão sentadas na porta de casa ou em um bar e veem o apostador indo muitas vezes na semana jogar ou em

um bingo clandestino. É uma faceta visível do jogo.

Ainda sobre os distintos cenários sociais transformados pela chegada das apostas online, é preciso comentar sobre a transformação no consumo do esporte. A torcida para o time do coração agora divide o espaço com a expectativa de que eventos, até então irrelevantes, se concretizem durante a partida. Caio diz:



LinkedIn / Brauner Cruz Junior

– Quando você tinha visto pessoas comemorando escanteios? Isso nunca existiu na história do futebol. Pessoas comemorando cartões amarelos, número de faltas e substituições. Enquanto pesquisador eu percebo uma mudança na consideração do que é o jogo esportivo.

O esporte se tornou uma espécie de mercado financeiro, onde cada jogada representa um possível ganho ou prejuízo.

O prazer de assistir a uma partida e torcer de forma vibrante foi, aos poucos, sendo substituído pela ansiedade em torno do próximo lance, da próxima estatística que pode render lucro. Hoje, há torcedores que, mesmo em jogos do próprio time, se veem torcendo contra, apenas porque uma aposta depende de um gol sofrido ou de um cartão vermelho. A diversão deu lugar à tensão. O apostador é, muitas vezes, impulsionado pela lógica do imediatismo: é possível apostar em tempo real e acompanhar, segundo a segundo, a possibilidade de lucro. Isso ressignifica a paciência e a expectativa, valores que antes faziam parte do prazer de assistir a um jogo ou esperar o resultado de uma loteria. As bets operam dentro de uma lógica acelerada, quase instantânea, que reforça a cultura da recompensa imediata e alimenta a ansiedade por resultados rápidos.

Mas para além das transformações citadas, surge uma questão ainda mais complexa: por que apostar online ganhou tanta

força no Brasil? Seria a cultura brasileira propensa a esse tipo de prática? Ou estamos diante de um fenômeno global, que apenas encontrou aqui terreno fértil para se expandir?

Brauner e Caio explicam que, seguindo as Ciências Sociais, afirmar que as apostas online tiveram mais adesão no Brasil porque a cultura favoreceu exige um rigor na análise.

Assim, seria necessário comparar o Brasil com outro país, que supotamente seja menos afetado pela popularização das bets, a fim de analisar a quantidade de adeptos à prática e montantes gastos por eles. Embora esse estudo não tenha sido realizado, há uma parcela da população que defende que o “jeitinho brasileiro” tornou o Brasil mais receptivo às apostas online. Caio opina:

– Eu acho muito perigoso afirmar que determinada prática teve mais adesão porque a cultura favoreceu. Com isso estaríamos dizendo um pouco assim: a culpa não foi da falta de regulamentação de um mercado que está que tá surgindo, não foi das estratégias que as redes sociais utilizam para favorecer esse tipo de conteúdo, não foi dos times e do mercado de mídia com patrocínios.

Existe uma presença de jogos de azar na sociedade brasileira. Negar isso, também seria negar a história. Mas não dá para dizer que no Brasil existiam práticas de jogos de azar que introduziram esse tipo de pensamento de predisposição a apostas.

Defender o discurso de que apostar está inseparavelmente ligado aos hábitos brasileiros representa mais uma forma de excluir da equação os verdadeiros responsáveis pela epidemia das bets. Não podemos normalizar outra situação que vem causando danos financeiros, culturais e psicológicos dificilmente reparáveis.

O assédio que a população sofre, com logos de plataformas de apostas estampando camisetas, vídeos, banners em jogos e ativações em festivais, é cada vez mais perceptível. No próximo capítulo, o protagonismo é das estratégias narrativas responsáveis por transformarem as bets em algo onipresente. Afinal, nada se torna normal sem intenção.

Primeiro palpite no jogo da maioridade

Uma história baseada no relato de
Rafael Bardella, 18 anos

Rafael, mais um dos atraídos pelo círculo social de amigos que, assim como ele, também foram imersos na onda das bets. Foi nesse ano de 2025 que ele atingiu a maioridade: 18 anos, a idade permitida para se tornar usuário em uma plataforma de apostas online. Não importa o nível de maturidade ou a tendência de ser influenciável, que é característica dessa idade. É como se o número de anos determinasse a entrada no universo do autocontrole e concedesse o direito de ser culpado por atitudes instigadas e que resultam em vulnerabilidade.

Ao grupo de amigos de Rafael, as bets chegaram dando um novo significado à torcida pelos times do coração. Foram os palpites que abriram o olhar dos jovens para a possibilidade de vibrar por escanteios, cruzar os dedos por cartões e até desejar gols contra dependendo de quanto isso pesa no bolso. Os finais de semana em mesas de barzinho com telões que transmitam campeonatos de futebol foram o cenário perfeito para as bets brotarem nos gostos dos recém-saídos da adolescência. Os primeiros palpites surgiram de acordos que ao primeiro olhar pareciam vantajosos. Cada um dos amigos colocava um valor fixo em um time que estivesse jogando no momento do encontro, e o vencedor do palpite comemorava a vitória pagando a conta do grupo.

As férias do cursinho pré-vestibular, em julho, se tornaram uma oportunidade para transformar tempo em dinheiro. Ou melhor, tentar transformar, prendendo-se sempre à ideia: “eu nunca perdi antes”. A estratégia foi começar com R\$2 mil, o máximo que o jovem estava disposto a perder, caso o projeto de conseguir uma renda extra desse errado.

Três horas depois do plano ser colocado em prática, o lucro alcançava quase o investimento inicial. Os ganhos foram

aumentando de jogo em jogo: 100 no primeiro, 300 no próximo, 600 depois.

Até que chegou a hora de dar o próximo passo. Apostar tudo que estava na carteira até aquela hora para dobrar o dinheiro tirado do próprio bolso e “investir” só com os ganhos das bets. Como se o destino tivesse preparado a chance perfeita, aos 60 minutos de partida, um time perdia o jogo de futebol por 2 a 0. Somada à falta de sucesso no placar, a derrota se desenhava de forma certa: quatro cartões amarelos e um vermelho para o time sem sorte, com todos os jogadores do outro time em campo.

Uma partida, um único jogo de futebol seria o responsável por multiplicar os ganhos das horas anteriores, totalizando R\$4 mil na carteira. 15 minutos foi o tempo para a sorte mudar bruscamente e a vitória se transformar integralmente em perda. Aos 90 minutos, o time, até aquela hora perdedor, fez um gol. Mas a expectativa e torcida de Rafael o fez manter o dinheiro apostado e acreditar que o lucro era garantia. Três minutos de acréscimo, e no último, o empate da partida.

O pouco mais de um salário mínimo investido não seria dobrado. Foi totalmente perdido, sem direito a pedir reembolso. O minuto 92 foi o decisivo, o que, pelas palavras de Rafael, fez o coração parar. Nos quatro primeiros dias após a perda, a cabeça de Rafael foi tomada pelo arrependimento e pelo pensamento sobre a rapidez com que o dinheiro se foi. Após alguns dias, o jovem só tinha uma escolha a fazer: parar de pensar na perda e economizar para recuperar o dinheiro perdido.

A previsão de abandonar a prática vem só depois de incontáveis tentativas. Rafael só visualiza a saída do universo das bets no momento em que cansar de acessar a plataforma diariamente, resgatar o bônus e não ter resultado.

Talvez você esteja se perguntando sobre os responsáveis pelo recém-chegado à maioridade. Os pais de Rafael não sabem da perda financeira e também que o filho aposta. Ir à casa dos amigos para uma noite de jogos já é motivo para a pergunta, revestida de alerta materno: “Vocês não vão apostar nada, não é?”.

Ocultar que apostam dos pais é uma situação comum, entre os jovens apostadores. Eles apostam já cientes da reprovação e preocupação paterna. Por isso, transformar a prática em segredo é uma

forma de manter os palpites sem intervenções.

A história de Rafael é uma entre muitas semelhantes de jovens, com 18 anos ou um pouco mais, que apostam. Entram na companhia dos amigos, continuam jogando pelo ganho rápido e pela expectativa gerada após a primeira vitória e são tomados pela decepção – seguida de inconformidade – quando perdem. No jogo da maioria, Rafael perdeu dinheiro. Mas a esperança de que a sorte volte ainda não se esvaiu. Ele, assim como todos os outros apostadores, continuam no ciclo dos palpites por acreditarem que o benefício sempre virá na próxima jogada.

A casa sempre vence

Uma história baseada no relato de
Diogo, 21 anos

Diogo começou a apostar no ano de 2019. Os primeiros palpites foram com valores baixos: R\$ 20, R\$ 30 ou R\$ 40. Mas, após alguns meses, ele já tinha perdido esse valor multiplicado por mil. Algo em torno de R\$ 40 mil.

Como muitos apostadores, o jovem começou sua trajetória nas apostas com os jogos esportivos. O interesse pelas partidas – especialmente de futebol – já era grande, mas ver os amigos apostando deu o incentivo final para começar. Com as plataformas apresentando inúmeras abas de jogos de cassino na mesma tela das apostas esportivas e com famosos tentando convencer o público a apostar nas alternativas mais imprevisíveis e arriscadas, tornou-se impossível não direcionar a atenção e o dinheiro para as roletas.

O primeiro mês no “jogo do aviãozinho”, uma opção em que se faz uma aposta e o jogador tenta retirar o dinheiro antes que o avião voe para longe e a rodada acabe, foi de sorte. Mas, nas palavras do próprio jovem: “Como você nunca ganha da casa de aposta, depois de um tempo eu comecei a perder”.

As perdas financeiras começaram a aumentar, e cada uma era como uma gota que ia enchendo o copo do desespero e do descontrole. A ansiedade de perder tirava a racionalidade das decisões, e Diogo acabava apostando mais na tentativa de recuperar o dinheiro perdido. Em suas palavras, podemos perceber o que ele sentia e o tamanho da frustração: “Eu, graças a Deus, não lembro tanto da situação, mas era muito ruim. Parecia que não era eu no meu corpo. Era um vício que me consumia para colocar mais dinheiro para tentar recuperar, e acabava me afundando cada vez mais”.

Com as apostas nos jogos de cassino continuando para tentar recuperar o dinheiro gasto, Diogo chegou a perder R\$ 5 mil em um único dia, e o desespero aumentava proporcionalmente aos resultados negativos. Ainda com o pensamento de recuperar as perdas, ele fez novos palpites usando o cartão de crédito, empréstimos em bancos e com conhecidos, além de usar, em alguns meses, quase todo o salário para novas apostas.

Após esse ciclo – apostar para recuperar o dinheiro perdido e perder ainda mais –, Diogo se viu sem saída. O CPF do jovem não chegou a ficar inadimplente, mas as dívidas já eram muitas e, psicologicamente, ele já estava muito abalado. “Eu só conseguia pensar nisso, eu não conseguia sentar à mesa com meus pais e comer tranquilamente. Eu ia dormir todo dia 03h, 04h, pensando em como eu ia sair desse buraco”.

Na época, como a maioria dos recém chegados à vida adulta que apostam, Diogo não contou aos pais sobre o que estava passando. A vergonha de imaginar a decepção dos familiares impede muitos jovens apostadores de compartilharem sobre as bets. Mas, para a sorte de Diogo, seus pais acabaram descobrindo a situação. A chateação com o filho por ele ter se envolvido com as apostas online foi inevitável, mas foram eles que o ajudaram financeiramente. “Se eles não tivessem a condição de me ajudar, eu poderia ter entrado em um buraco muito maior e sem saída.”

Depois de ter resolvido os problemas financeiros, Diogo decidiu não apostar mais – seja em jogos de cassino ou em apostas esportivas – e firmou esse compromisso com a família. Ele conta que não sente falta das apostas, mas ainda teme que um novo palpite funcione como um gatilho e desencadeie uma situação semelhante à que ele passou.

Além dos R\$ 40 mil que estima ter perdido com as apostas, o jovem reforça a sensação de desespero e preocupação que sentia durante a experiência que enfrentava.

Ao fazer uma retrospectiva do caso, o jovem acredita que não estava em situação de dependência. O sentimento de “estar dependente” foi embora quando as contas foram quitadas, e ele enxerga que as repetidas apostas foram feitas unicamente para recuperar o dinheiro perdido.

Como o próprio Diogo disse, o apostador nunca vence

da casa de apostas. Os ganhos podem acontecer, mas são passageiros, e os mecanismos das plataformas induzem o usuário a apostar mais, perder mais dinheiro e cair, muitas vezes, no looping em que Diogo se encontrou. A sensação de desespero que tomou o jovem é característica de muitos que têm perdas financeiras significativas. O turbilhão de emoções se acalmou porque, para a sorte do jovem, ele pôde contar com a ajuda da família. Ele foi uma exceção entre os demais apostadores. A história dele revela a importância de combater os discursos que colocam as bets como inofensivas e até como alternativas de mudança de vida, protegendo novas pessoas de entrarem em um caminho quase sem saída.

Capítulo 2

A era de ouro das apostas online

Em uma sociedade regida por dinheiro, nada acontece sem a intenção de privilegiar alguém ou causar dano a outro. A popularização ou o esquecimento, seja de uma prática ou uma pessoa, sempre estão relacionadas a narrativas planejadas para atingir um objetivo final. No caso das bets, a narrativa que protagonizou a normalização foi, e é até os dias atuais, a de que “apostar é uma forma de ganhar uma grana extra”. No Brasil, um país desigual socialmente e com a economia fragilizada, essa ideia seria, e foi, fácil de ser engolida. Mas como se não bastasse, a narrativa ganhou ainda mais força com a afirmação de que “apostar é igual a investir”.

E não pense que essa narrativa surgiu porque o objetivo final das bets é igualar financeiramente a sociedade brasileira. Pelo contrário, os escritores dessa ideia agiram com propósito por trás de cada palavra, buscando enriquecer às custas da esperança ingênua dos brasileiros. “Tudo é narrativa”. A frase de Ana Paula Passarelli, comunicadora, diretora de negócios da agência de criadores Brunch e uma das especialistas entrevistadas neste livro, define com clareza o maior responsável pelo boom das bets: o discurso.

Esse discurso, construído em torno da promessa de uma renda extra, ganhou um poder quase inquestionável no país onde milhões lutam diariamente para fechar o mês. É essa a visão da economista e educadora financeira Júlia Abi-Sâmara. Há cinco anos, ela ensina mulheres a investirem financeiramente por meio de conteúdos nas redes sociais e do curso As Investidoras. Ao observar o avanço das apostas online no Brasil, Júlia percebeu como a comunicação foi peça-chave para a disseminação dessa prática.



– Renda extra é uma das principais palavras que aparecem quando você fala de aposta. Tudo aconteceu em torno dessa comunicação. As plataformas de apostas e os influenciadores estão falando que é um investimento em um país onde a educação financeira é muito precária.

Instagram / @as.investidoras

A promessa de retorno fácil, travestida de oportunidade, foi o anzol perfeito para fisgar uma população marcada por vulnerabilidades financeiras. É transmitir, com malícia disfarçada, uma informação errada para pessoas que não têm acesso à informação correta. Para expor por que colocar aposta e investimento como sinônimos é um equívoco, Júlia aprofunda a explicação a partir de sua experiência como educadora financeira.

Diferente da aposta, que tem a sorte como fator decisório, investir financeiramente depende de estratégia. Escolher onde você vai colocar seu dinheiro não acontece aleatoriamente e por preferências sentimentais. Há uma análise para entender o risco e o potencial de retorno de um investimento, e assim, escolher uma opção que atende aos objetivos do investidor. Outra diferença é que nos investimentos você aloca o seu dinheiro em algo que gera valor ao longo do tempo.

– Na renda fixa você está comprando um título que o objetivo é ficar com ele por um longo prazo. Na renda variável, há um risco maior, mas, ainda assim, é diferente dos jogos de azar: nela você compra algo que você estudou e entendeu que vai se valorizar ao longo do tempo. Nos investimentos de renda fixa, o investidor sabe, no momento da aplicação, quanto seu dinheiro renderá, seja por meio de taxas prefixadas, seja por indicadores como a taxa Selic ou o IPCA. Títulos do Tesouro Direto e CDBs (Certificado de Depósito Bancário) são exemplos comuns desse tipo.

Já na renda variável, o investidor não tem certeza do retorno, que varia de acordo com o desempenho do mercado, da empresa ou do ativo escolhido. Ações e ETFs (Exchange Traded Funds) são investimentos desse tipo.

Para Júlia, o discurso que coloca as apostas online na mesma caixinha dos investimentos financeiros foi bem-sucedido porque uniu o útil ao agradável do ponto de vista das plataformas online de jogos de azar. Ao se apropriarem de uma narrativa legitimadora – que associa as apostas a um comportamento racional e potencialmente lucrativo –, essas plataformas conseguiram atingir seu objetivo central: ampliar sua base de usuários. E fizeram isso em um país marcado pela carência de orientação financeira e por desigualdades sociais, onde o desejo de ascensão econômica rápida encontra terreno fértil.

Assim, ao vestir o jogo de azar com a roupagem da inteligência financeira, esse discurso seduziu especialmente jovens de classes populares, que veem nas bets uma salvação das dificuldades sociais. Mesmo que a falta de educação financeira tenha facilitado a adesão às apostas online no Brasil, Júlia compartilha do pensamento dos sociólogos Brauner Cruz e Caio Barros – compartilhado no capítulo 2–, reforçando que culpabilizar a falta de informação dos brasileiros representa mais uma forma de excluir da equação os verdadeiros responsáveis pela epidemia das bets.

– É comum você cair na ideia “as pessoas estão apostando por risco próprio, por não saberem da verdade”; até a maioria dos influenciadores digitais que divulgam esse tipo de jogo diz isso. Mas precisamos pensar no cenário real: a pessoa que ganha um salário mínimo vê alguém que tem uma Ferrari na garagem falando “olha aqui a oportunidade de fazer um dinheiro extra”. É claro que quem ouve e não tem discernimento dessa informação vai se animar com essa possibilidade. A partir dessa percepção, Júlia destaca que um dos grandes perigos em tratar as apostas como uma forma de investimento está em afastar ainda mais os brasileiros da educação financeira e do pensamento crítico. Se uma pessoa considera as apostas como um caminho de renda extra, ela não vê a necessidade de buscar conhecimento de fato sobre finanças. Assim, cai no círculo vicioso: repetir a aposta acreditando no ganho extra, não buscar

informações porque acredita que está no caminho certo e, aos poucos, ver seu dinheiro escorrer pelas mãos.

Esse é o principal risco: a perda do dinheiro que, a longo prazo, pode representar a desestruturação de uma família.

– Às vezes, uma criança que já tinha poucas chances de ter recursos destinados para uma boa educação, para ela romper o ciclo de desigualdades de uma família, passa a ter menos chances ainda porque os pais estão gastando esse dinheiro em bets, enganados por quem se favorece disso.

Mesmo sendo educadora financeira e uma voz ativa na defesa da responsabilidade com o dinheiro, Júlia já foi alvo de propostas de patrocínio por parte de casas de apostas. O motivo é claro: seu perfil, como influenciadora da área financeira, seria ideal para legitimar, diante do público, a falsa ideia de que apostar é investir. O convite não era apenas para divulgar uma marca, mas para usar a credibilidade da economista a fim de reforçar uma narrativa construída para convencer quem mais precisa de dinheiro de que existe um caminho rápido e fácil para isso.

A Anbima (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais), organização que representa instituições financeiras e de mercado de capitais no Brasil, realiza semestralmente o FInfluence, relatório que analisa a influência digital no mercado de investimentos e monitora os influenciadores financeiros. A sétima edição, publicada em novembro de 2024, mostra que 95% de 175 influenciadores de finanças que comentaram sobre bets se posicionaram contra em suas redes sociais; apenas nove fizeram publicidade em suas redes.

Apesar da maioria dos influenciadores financeiros se posicionar contra as apostas online, como aponta o relatório da Anbima, o impacto daqueles que escolhem fazer publicidade para esse tipo de plataforma é significativo e tem sido um dos principais fatores responsável pela normalização das bets. A essa estratégia de utilizar figuras públicas com grande influência nas redes sociais dá-se o nome de Marketing de Influência.

Influencers: peças-chave na propagação do discurso

Ana Paula Passarelli, comunicadora e especialista nesse tipo de abordagem do marketing, coloca que o ponto de partida para entender como as bets se alastraram pelo país é analisar a estratégia narrativa por trás desse movimento. O mais importante para entender a disseminação de algo, independentemente do veículo, é ter clareza de qual tipo de narrativa está sendo construída – porque é ela que vai dar velocidade ao movimento. Como já comentado pela Júlia Abi-Sâmara, no caso das apostas online, essa narrativa estava 100% associada ao ganho fácil de dinheiro – e ainda está, em parte. Ana reafirma essa ideia:



– O site de apostas foi disseminado tão rápido porque ele está colado na mensagem de ficar rico, e não na da diversão. E essa é a melhor “pior narrativa” que se pode ter em um país como o Brasil.

LinkedIn / Ana Paula Passarelli MSc

Depois da criação narrativa, o segundo passo para esse tipo de estratégia de divulgação é a escolha dos influenciadores que vão levar essa mensagem. Assim como influenciadores de finanças recebem o convite de divulgarem – justamente para legitimar a ideia do ganho fácil –, nenhum dos demais escolhidos é acaso. Há uma

estratégia de seleção para convidar aqueles que exibem uma vida luxuosa e de ganhos, a fim de ilustrar a ideia de conseguir “vencer” em um país desigual, posicionando as bets como facilitadoras dessa ascensão econômica.

– São influenciadores que mostram seus bens, ostentam uma aquisição, porque isso estimula, no público que assiste, o desejo de fazer o mesmo.

O desejo por uma vida igual à ostentada por figuras influentes nas redes sociais já é percebido como preocupante em algumas partes do mundo.



Em movimento contrário à lógica da ostentação, a Administração do Ciberespaço da China adotou o banimento de influenciadores digitais e a remoção de conteúdos que exibem luxo e riqueza nas redes sociais. Embora a motivação alegada para a campanha seja reduzir a desigualdade social e combater o materialismo – que pode ter uma má influência sobre os adolescentes –, muitos lembram que essa pode ser só mais uma ação do governo para manter seu domínio sobre a cultura de mídia social da país.

Influenciadora digital Anna Beatriz Miranda, chamada de Bia Miranda, faz publicidade para plataforma de apostas online no Instagram. Até setembro de 2025, a jovem de 21 anos tinha 5,2 milhões de seguidores na mesma rede social. Arquivo Pessoal - Captura de tela / Instagram @biamiranda

Além do viés político, a preocupação deve ser legítima – especialmente analisando o cenário brasileiro. Os influenciadores exercem papel relevante no imaginário coletivo. Quando um desejo é gerado e não é acompanhado de meios legítimos para alcançá-lo, o contexto abre espaço para caminhos ilusórios, como é o caso das apostas online.

Conteúdo patrocinado por plataforma de apostas online na rede social TikTok. O influencer que faz a divulgação é Maurício Martins Junior, chamado de Maumau, que até setembro de 2025 tinha 3,4 milhões de seguidores na rede social Instagram. Arquivo Pessoal - Captura de tela / Aplicativo TikTok



É nesse ponto que entra uma das questões mais importantes quando se analisa o Marketing de Influência nas publicidade das apostas online: a responsabilidade social. Igualar todos os influenciadores dessas plataformas como irresponsáveis socialmente é ignorar as diferenças sociais entre os próprios divulgadores.

– A beleza e o problema do Brasil é o tamanho dele. Quando falamos de qualquer mercado, de médico a influenciador, temos o mesmo problema: o espectro amplo de maturidade de trabalho e profissionalismo.

Dentro do universo dos influenciadores, não se pode ignorar a parcela que cria conteúdo para as próprias redes sem fazer disso uma profissão. Para muitos, essa atuação no digital funciona como uma renda extra e, em certos casos, como uma luz no fim do túnel. A internet deu a pessoas comuns, sem formação específica, a chance

de viralizar, construir audiência e, com isso, transformar seus perfis em fonte de renda – por meio da monetização ou contratos publicitários. Em algumas dessas situações, a rede se tornou uma fonte de sobrevivência para quem, até então, estava desempregado.

É nesse ponto que Ana faz o alerta de não culpabilizar as vítimas da falta de informação pela disseminação das apostas. Como já defendido anteriormente pelos especialistas participantes deste livro-reportagem, essa culpabilização representa mais uma maneira de excluir da equação os verdadeiros responsáveis pela epidemia das bets.

– Tem pessoa que aceita qualquer dinheiro que pinga na mão porque precisa sobreviver. Ela não sabe o que é o CONAR¹ nem quais são as responsabilidades sociais na internet. Mas ela sabe que, se não aceitar aquela proposta milionária, ela não paga a conta de luz.

Nesses casos, a problemática é a plataforma de jogos de azar online se valer de mais uma “deficiência social” – o espaço de pobreza – para oferecer, maliciosamente, um dinheiro que vai fazer diferença a uma pessoa que não tem informação de qualidade. Já do outro lado da régua estão os profissionais: a parcela de influenciadores bem letrada do ponto de vista midiático e que passou por media training². Dentro desse grupo, Ana destaca dois nomes que trabalham com divulgação de apostas online para analisar a questão da responsabilidade social. O primeiro deles é o Neymar: jogador de futebol brasileiro é o rosto da plataforma de apostas Blaze.

– Ele bateu por anos na tecla “ganhe dinheiro apostando” e é uma figura que recebeu letramento midiático – deveria saber a responsabilidade que tem.

1. Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária. É uma entidade sem fins lucrativos que atua na autorregulação da publicidade no Brasil. Sua função principal é garantir que a publicidade seja ética, transparente e respeite os consumidores e a livre concorrência.

2. É o processo de preparação de indivíduos, especialmente porta-vozes, para interagir de forma eficaz com a mídia, incluindo entrevistas e outros contatos com jornalistas.

O outro exemplo é o Vinícius Júnior, jogador brasileiro de futebol. Ele é a figura mais influente na divulgação da plataforma de apostas Betnacional, e em seus discursos, diversão e entretenimento são as motivações usadas para atrair novos apostadores. É nesse ponto que Ana reforça a intencionalidade de ser responsável que as figuras públicas, ao decidirem divulgar jogos de azar, devem ter. Foi com o intuito de despertar o olhar para essa responsabilidade que a Brunch, agência de criadores cofundada por Ana, lançou o Guia Influência Responsável: Boas práticas para influenciadores e publicidade de sites de apostas.

– Ele é direcionado para o influenciador que aceita fazer a publicidade da casa de apostas. Por mais que não queiramos, ele vai ter influência sobre o público; então, que ele faça direto, para se afastar dos discursos que despertam ainda mais os casos de dependência.

A criação do guia reflete a necessidade de conscientização do mercado publicitário, especialmente no segmento delicado das apostas online, em que as consequências ultrapassam o virtual e afetam diversas esferas da vida real. Nesse contexto, entender o que caracteriza uma publicidade responsável – mesmo quando feita para promover casas de apostas – é o próximo passo para refletir sobre os limites entre influência, transparência e ética. As características de uma publicidade responsável sobre apostas devem ser:

1ª: Identificação clara da publicidade de site de apostas. Ter uma sinalização visível no conteúdo, mostrando que ele é uma publicidade, assegura que a divulgação não se passe por recomendação espontânea e que o consumidor saiba que determinado material foi feito com fins comerciais.

2ª: Proteção aos menores de idade. Jogos de apostas são proibidos para menores de 18 anos; por isso, é proibido direcionar conteúdos a esse público ou incluir sua presença em conteúdos patrocinados. É importante destacar também que crianças e adolescentes são vulneráveis e mais influenciáveis nas decisões.

3ª: Responsabilidade social com o jogo responsável. Uma publicidade responsável deve estar associada a apostar como diversão, jamais a ganhar dinheiro de maneira fácil e garantida, ideia que, inicialmente, foi protagonista nas divulgações. Além disso, o guia da Agência Brunch destaca que responsabilidade e ética também devem constar nas cláusulas associadas à remuneração variável, evitando pagamento ao influenciador associados às perdas dos jogadores.

4ª: Verdade em primeiro lugar. As apostas não podem ser apresentadas em imagens de resultados falsos e contas demonstração¹.

5ª: Abordagem responsável do influenciador. Não só a mensagem importa: a maneira como ela é dirigida ao público constrói o contexto de interpretação. Por isso, mensagens de alerta, linguagem direcionada ao público adulto e a ausência de estímulos ao exagero são adaptações que asseguram a proteção do público atingido pelo conteúdo.

Quando se fala em influência, vale abrir um parêntese para um personagem que ganhou força no cenário das apostas: os Betting Experts. O termo, em tradução livre, significa “especialistas em apostas”, mas, no Brasil, é mais comum chamá-los de tipsters – palpiteiros profissionais. São eles que analisam estatísticas, elaboram estratégias e oferecem sugestões de onde e como apostar. Transformaram a onda das apostas online em oportunidade de negócio. A lógica é simples: em vez de jogar sozinhos, vendem “boas apostas” em pacotes – assinaturas semanais ou mensais que garantem acesso a grupos exclusivos. Ali, como se cada palpite fosse um produto em prateleira, dividem previsões por esporte, campeonato ou até por jogo de cassino. Os palpites oferecidos por esses especialistas variam em formato e profundidade.

3. A conta demonstração é uma conta disponibilizada pelas plataformas de apostas especificamente para divulgações. A crítica a esse tipo de conta é que, possivelmente, ela é programada para evitar perdas, uma vez que, durante o seu uso em publicidades, os influencers jogam e só lucram.

Alguns chegam acompanhados de análises minuciosas – o histórico de desempenho de um time, a estatística de um jogador em diferentes campeonatos, a leitura dos números decifrada por padrões no esporte. Outros apostam na ousadia das combinações, sugerindo múltiplos resultados que, juntos, formam uma espécie de bingo – quanto maior a chance de uma aposta ter sucesso, maior também a promessa de retorno, então somar chances e realizar uma única aposta com diversos palpites é comum nesse universo. Há ainda quem vá além do esporte e dê sugestões nos jogos imprevisíveis – os cassinos – indicando até o horário mais “favorável” para girar a roleta ou puxar a alavanca da máquina. O universo dos palpites, assim, se desdobra em diferentes camadas: do cálculo racional ao quase místico, sempre embalado pela promessa de transformar informação em vantagem.

A sagacidade dos apostadores profissionais ao perceberem uma necessidade no mercado e decidirem atuar como mentores é interessante. Mais intrigante é a nova camada que essa realidade constrói no cenário das apostas online.

Pessoas depositam confiança em previsões feitas sobre algo que, por natureza, é imprevisível. Pagam para receber palpites e, em seguida, pagam por apostar ainda mais, sustentando um círculo vicioso. Contudo, o esporte não se curva às estatísticas: o time que vinha de uma sequência de vitórias pode tropeçar; o jogador favorito pode falhar por razões invisíveis ao público; o clássico que sempre registrava escanteios em abundância pode terminar sem repetir o padrão.

Embora o envio de palpites seja um trabalho legítimo – que carrega, em si, os pilares de dignidade de qualquer outra atividade e não configura crime –, é preciso questionar até que ponto isso não se sustenta, ainda que intencionalmente, sobre a exploração de um comportamento que pode gerar dependência. Mesmo que as dicas, assim como as publicidades dos influenciadores, venham acompanhadas da mensagem “jogue com responsabilidade”, o alerta é um paradoxo. Aconselhar cautela ao mesmo tempo em que se estimula uma prática que, por si só, exige vigilância constante é contraditório. O gesto de advertir não anula o incentivo; pelo contrário, muitas vezes funciona como uma espécie de salvo-conduto moral, em que a responsabilidade é transferida ao jogador, enquanto a engrenagem

da aposta continua a girar. É mais um caso de tentar deslocar a culpa para os apostadores e excluir os verdadeiros responsáveis pela epidemia das bets da equação. A discussão sobre a influência responsável leva, naturalmente, a um questionamento mais amplo sobre o futuro dessa relação: afinal, qual deve ser o papel do Marketing de Influência dentro de um setor que ainda caminha rumo à regulamentação no Brasil?

– Para mim, é menos um pensamento proibitivo e mais um olhar para o letramento midiático. De um lado, temos uma economia bastante fragilizada e não acredito que seja do interesse do poder público tirar esse dinheiro de circulação da economia brasileira. Partindo desse pensamento, a comunicadora destaca a necessidade de um extenso letramento midiático das pessoas que escolhem trabalhar com comunicação – como é o caso dos influenciadores digitais.

Ao refletir sobre modelos de regulamentação bem-sucedidos, Ana cita o exemplo do Reino Unido, onde houve avanços na forma como a publicidade de apostas é conduzida. Um dos movimentos mais simbólicos foi a autolimitação da Premier League (campeonato de futebol da Inglaterra): a liga anunciou a proibição de exibir marcas de casas de apostas na parte frontal das camisas dos jogadores a partir da temporada 2026/2027. A medida representa um esforço do próprio setor esportivo em reduzir sua influência direta sobre o público.

Além disso, desde abril de 2025, todos os operadores licenciados pela Gambling Commission⁴ são obrigados a pagar uma taxa estatutária, com o objetivo de financiar ações de pesquisa, prevenção e tratamento de danos relacionados ao jogo.

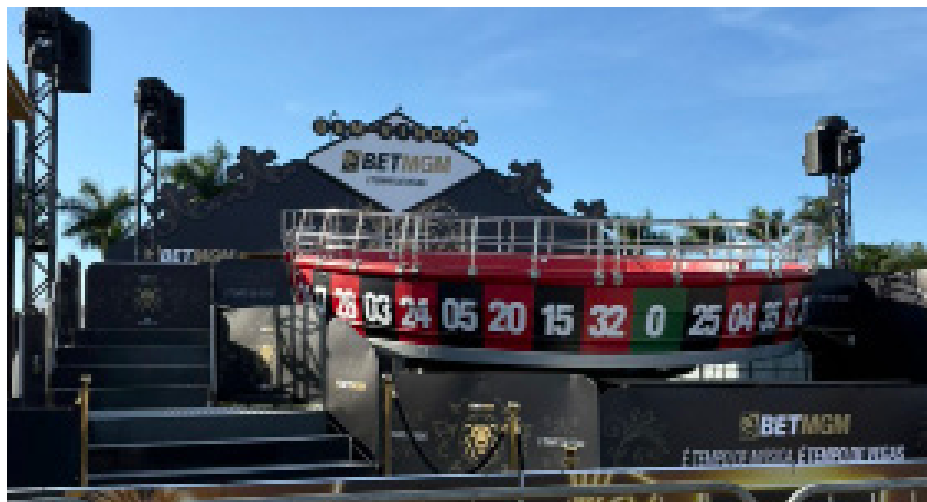
Ainda assim, Ana reconhece que importar soluções não é tão simples quanto parece. As diferenças culturais, econômicas e sociais entre os países revelam a complexidade de aplicar diretamente essas referências ao contexto brasileiro. Para ela, mais do que replicar modelos prontos, é essencial pensar em como adaptá-los à realidade nacional.

4. Órgão público executivo do Governo do Reino Unido responsável por regulamentar jogos de azar e supervisionar a legislação sobre jogos de azar na Grã-Bretanha.

– No final do dia mesmo é a educação: a capacidade que temos, enquanto sociedade civil, mercado e poder público, de endereçar conhecimento para que fiquemos menos vulneráveis a mensagens sedutoras de ganho de dinheiro rápido.

Bets Onipresentes: estratégias na fixação de marca

Para além do Marketing de Influência, as plataformas de apostas online apostam em um mix de estratégias de marketing. Ricardo Bianco Rosada, fundador da brmkt.co, Consultoria Estratégica em Marketing e Desenvolvimento de Negócios, e ex-CMO (Chief Marketing Officer) e Desenvolvedor de Negócios da plataforma de apostas online Galera Bet, explica que, entre elas estão, e são as mais conhecidas, o Branding e o Marketing de Conteúdo.



Ativação de plataforma de apostas no Festival João Rock, em Ribeirão Preto - Lauriany Braquino.

O primeiro termo faz referência ao fortalecimento da marca através de patrocínios esportivos e naming rights⁵. Ver o nome de plataformas de apostas estampando camisetas de times, independentemente do esporte, e marcando presença em eventos de entretenimento com ativações de marca se tornou comum. Como qualquer outra empresa, as responsáveis pelas bets viram oportunidades onde já há encanto dos brasileiros. Logos espaçosas no que fanáticos por esporte consideram um “manto” e ambientes divertidos e interativos em tradicionais eventos de música, sem distinção de gênero, tornaram-se possibilidades de fixar o nome da marca.



Ativação de plataforma de apostas no Ribeirão Rodeo Music, em Ribeirão Preto - Captura de tela / Instagram @ribeiraorodeomusic

5. Em português, o termo significa “direitos de nome”. Em nome de expandir sua marca para um público específico, as empresas compram o direito de batizar novamente um local, equipamento ou espaço. Foi o caso da casa do São Paulo FC. Estádio do Morumbi se tornou é MorumBIS. Uma homenagem à popular marca de chocolate Mondelez Brasil.

Já o Marketing de Conteúdo refere-se à criação de conteúdo – como vídeos, guias e tutoriais – que aumente a compreensão e confiança dos usuários. Aqui estão incluídos conteúdos educativos sobre riscos e limites das apostas, campanhas transparentes que não induzem ao erro sobre probabilidades de ganho e ações que valorizem o entretenimento saudável, evitando o estímulo ao consumo compulsivo. Ambas são estratégias regulamentadas.



LinkedIn / Ricardo Bianco Rosada

– O mercado brasileiro já possui regulamentação clara sobre o marketing de apostas esportivas e iGaming. Além das normas estabelecidas no Anexo X⁶ da regulamentação publicada pelo Ministério da Fazenda, toda publicidade deve seguir as diretrizes do Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (CONAR), que proíbe promessas exageradas de ganho, incitação ao consumo irresponsável e a utilização de mensagens enganosas.

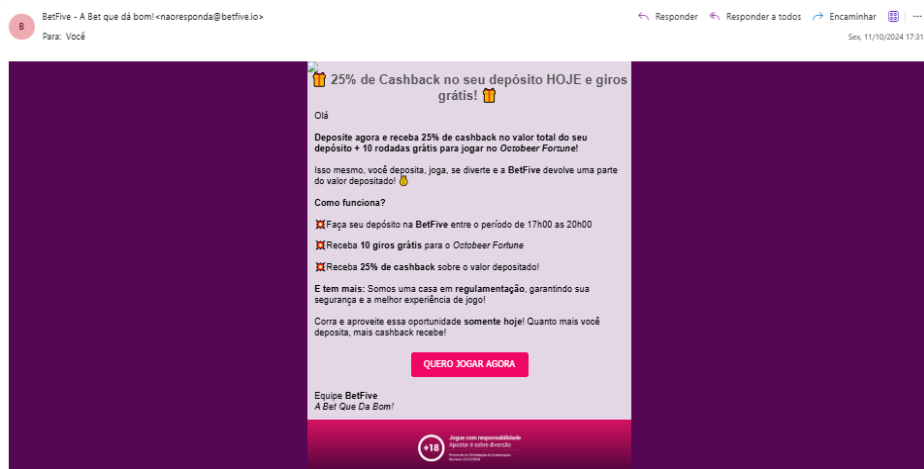
Porém, quando se fala da retenção de novos usuários para as plataformas, as estratégias que ocupam o imaginário popular não são as citadas por Ricardo, mas, sim, as que foram usadas de forma irrestrita por muito tempo – enquanto tudo era uma terra sem lei. Bônus para novos usuários com rollover⁷, giros grátis em jogos de cassinos e envio de mensagens com sugestões de apostas eram e ainda são, nas casas de apostas ilegais – práticas comuns.

6. O Anexo X faz parte da regulamentação que estabelece as normas para a exploração de apostas de quota fixa, um tipo de aposta em eventos esportivos e outros jogos online onde o apostador sabe de antemão qual o prêmio em caso de acerto.

7. É uma condição imposta pelas plataformas de apostas para que os bônus não sejam sacados imediatamente. Ou seja, é uma quantidade de apostas que você precisa fazer antes de poder retirar os lucros obtidos com um bônus.

São esses métodos, que assediavam as pessoas por todos os lados, que foram banidos justamente incentivarem palpites desenfreados.

Para colocar em prova o modelo de divulgação, fiz uma experiência prática me cadastrando em um plataforma de jogos de azar. Em agosto de 2025, a plataforma interrompeu, sem previsão de retorno e sem aviso prévio, suas atividades. Mesmo não realizando movimentações na conta, em um período de sete meses – de abril a novembro de 2024 –, recebi 80 e-mails com sugestões de apostas. Em todas as mensagens, a mesma linguagem: ganhos rápidos, bônus exclusivos e oportunidades imperdíveis.



E-mail enviado por plataforma de jogos de azar online divulgando bônus de aposta - Arquivo Pessoal

– Sob o ponto de vista regulatório brasileiro, qualquer tipo de bônus ou crédito especificamente voltado à aquisição de novos usuários está proibido, justamente por incentivar o consumo impulsivo e aumentar o risco de ludopatia.

Porém, o especialista em iGaming¹ destaca que bônus e benefícios voltados para a retenção de clientes já existentes, desde que equilibrados e orientados pelo princípio do Jogo Responsável, ainda são aceitáveis.

A flexibilização quanto à oferta de determinados benefícios faz refletir até que ponto é possível definir um limite claro para esses incentivos sem comprometer, de fato, os princípios do Jogo Responsável. Uma das casas de apostas autorizadas a operar no Brasil oferece um crédito de aposta – um valor adicional para ser apostado, em determinados jogos – quando o apostador atinge um montante semanal de apostas semanais. Embora o crédito seja quase simbólico se comparado ao valor que o usuário precisa apostar para ganhá-lo, a estratégia não deixa de ser uma forma de alimentar a movimentação na plataforma, é um incentivo para apostar mais.



The screenshot shows the bet365 website interface. At the top, there's a green header with the 'bet365' logo, a user profile icon, and a balance of 'R\$1,00'. Below the header, there are navigation tabs: 'Todos os Esportes', 'Ao-Vivo', 'Minhas Apostas', and 'Cassino'. The 'Minhas Apostas' tab is selected and has a red notification bubble with the number '1'. Below the navigation bar, there's a section titled 'Recompensas de Esportes: Veja o que você pode receber...'. This section contains a table with two columns: 'APOSTAS SEMANAIS' and 'CRÉDITOS DE APOSTA'. The table lists three reward tiers based on weekly betting amounts.

APOSTAS SEMANAIS	CRÉDITOS DE APOSTA
R\$ 100 - R\$ 499,99	R\$ 10
R\$ 500 - R\$ 1.499,99	R\$ 50
R\$ 1.500 ou mais	R\$ 150

Plataforma de apostas informa em seu site regras de plano de recompensas para apostadores - Arquivo Pessoal - Captura de tela / www.bet365.bet.br

8. O termo iGaming é empregado para descrever qualquer forma de jogo que ocorre online, sejam eles de apostas ou azar. Por exemplo, jogos de cartas online, como pôquer e blackjack, roleta, apostas esportivas, bingo, loterias, e esportes virtuais.

Como já comentado, os estímulos ao jogo invadiram camadas do cotidiano social. Com as bets transformando a maneira que assistimos aos esportes, as transmissões esportivas também se tornaram outdoors dinâmicos. Além das logos estampadas nos uniformes e nos painéis publicitários, as telas exibem, com o mesmo destaque de um placar, as odds de vitória para os times que se enfrentam. Para o espectador comum, pode parecer indiferente. Mas, para aqueles que enfrentam a ludopatia, esse bombardeio constante é mais uma armadilha. E não são apenas os adultos que são afetados. Crianças e adolescentes, expostos a esse tipo de propaganda disfarçada e já inseridos nas redes sociais – com divulgações rotineiras sobre bets –, começam a associar esporte e aposta como elementos inseparáveis.

Em maio deste ano, o Senado proibiu a veiculação de odds dinâmicas ou probabilidades atualizadas em tempo real durante a transmissão de jogos e eventos esportivos ao vivo, salvo quando exibidas exclusivamente nas próprias páginas, sites de internet ou aplicativos dos agentes operadores licenciados.



Exibição de probabilidade de aposta esportiva durante campeonato francês de futebol em agosto de 2025 - Arquivo Pessoal

A decisão representa um passo simbólico na tentativa de conter a normalização das apostas em espaços de entretenimento coletivo. Ainda assim, as casas de apostas seguem onipresentes, multiplicando estratégias, consolidando marcas e se inserindo cada vez mais na rotina dos brasileiros.

Além das exibições diretas e indiretas de plataformas de apostas online durante jogos esportivos, a normalização dos jogos de azar também vem acontecendo em outras brechas da televisão.

Todos os dias da semana, à 1h da madrugada (informação de setembro de 2025), é transmitido, ao vivo, o programa *Jogo na Tela*, no canal aberto RedeTV!. Em uma das dinâmicas, o consultor de apostas joga um jogo de cassino em uma plataforma de apostas online, sugerindo possíveis jogadas. Enquanto isso, o apresentador – que alterna entre o humorista Viny Vieira e o influenciador Caio Pericinoto, com mais de um milhão na rede social Instagram – torce pelo sucesso das apostas.



Programa em canal aberto de televisão joga ao vivo jogos de cassino online - Arquivo Pessoal

Em agosto de 2025, a plataforma de apostas esportivas Luckbet anunciou o patrocínio ao programa de televisão. Três meses antes, em maio de 2025, o Senado aprovou um projeto de lei que estabelece restrições para a propaganda das bets: proíbe a promoção de programas e ações de comunicação que ensinem ou estimulem, de forma direta ou subliminar, a prática de jogos de apostas. Quanto a veiculação de publicidade de bets na TV aberta, será admitida exclusivamente no período compreendido entre 19h30 e 24h.

O resultado do cruzamento desses dados é a reflexão sobre a falta de fiscalização e a “malandragem” de se aproveitar do apagar das luzes e de um sistema de regulamentação que ainda precisa ser lapidado. No início do programa, o apresentador da vez diz “jogo se ganha e se perde, o que importa é a diversão”. Mas, se o intuito principal é divertir, por que esconder no final da noite, em um horário de vulnerabilidade, quando a vigilância e o autocontrole do espectador estão mais frágeis? Ainda é por meio do discurso da diversão que os verdadeiros culpados pela epidemia das bets se aproveitam da fiscalização frouxa e da subestimação dos efeitos das apostas online.

Essa situação evidencia como a normalização das apostas coloca à prova os mecanismos de regulamentação. Por isso, em seguida, o protagonismo é do que rege o cenário das apostas online – sejam elas esportivas, sejam jogos de slots. É hora de conhecer a teia regulatória que se desenha no país e entender o espaço que ela ocupa na disputa silenciosa entre o desejo de proteger a população e a ânsia por explorar um mercado que cresce em ritmo acelerado.

O peso de um minuto

Uma história baseada no relato de
Matheus, 21 anos

Foi a atlética da faculdade que deu o incentivo para a primeira aposta. Matheus é atleta da associação estudantil e, aos 18 anos, quando ingressou no time de futebol, ela fechou uma parceria com uma plataforma de apostas. Em vez de pagarem o uniforme, os jovens precisavam depositar o mesmo valor no site e realizar um palpite.

O primeiro palpite deu red, termo usado pelos apostadores para indicar a perda. Mas a derrota não foi suficiente para afastar o jovem das bets. Nesse meio-tempo, ele começou a acompanhar “palpiteiros profissionais” e a se interessar ainda mais pelo universo das apostas esportivas. Porém, Matheus achava que o retorno desse tipo de aposta era demorado – pelo menos 90 minutos para saber se o resultado seria positivo ou negativo – e, nesse tempo, a ansiedade era duradoura. Ele admite que queria um dinheiro mais rápido e, por isso, optou por começar as apostas nos jogos de cassino.

Um tipo de jogo mais volátil, que depende de apenas um fator: a sorte. A emoção e rapidez das roletas fizeram, como diz Matheus, ele cometer loucuras – apostando muito dinheiro, mas quase sempre tendo resultados nulos, já que as perdas e ganhos se igualavam. Foi no final de 2024, descontente com o próprio salário, que o jovem decidiu apostar quase tudo o que recebeu e viveu o momento de maior êxito com as apostas.

“Eu tinha recebido meu salário, o vale-alimentação e o décimo terceiro e tinha dado R\$ 2.700. Já pensei que ia pagar minhas contas e ia ficar pobre, passar o final do ano sem nada.

Decidi apostar tudo. Em três dias eu já tinha perdido metade, mas quis continuar para voltar aos R\$ 2 mil e parar.” Mas a sorte resolveu virar. Em alguns dias, o jovem chegou ao montante de R\$ 15 mil; em outros, fazia um salário mínimo em cinco minutos.

A rapidez e os ganhos altos sempre trazem o deslumbremento. Apostar acompanha o discurso de uma renda extra entre os pais de família e também entre os jovens, e o minuto do resultado pesa. Se positivo, é uma luz no fim do túnel da rotina cansada e mal recompensada. Para Matheus, os tempos de vitória eram uma semente para pensar em sair do trabalho e se dedicar aos palpites. “Eu trabalho oito horas de segunda a sexta para ganhar R\$ 1.700, e às vezes eu faço esse valor em alguns minutos com as apostas. Enquanto eu estiver na faculdade, se eu tiver R\$15 mil na plataforma de apostas e R\$15 mil guardado, eu pararia de trabalhar para viver disso.”

Matheus acompanha, nas redes sociais, pessoas que se dedicam integralmente às apostas. Uma frase dita pelo jovem descreve o conteúdo que os “apostadores profissionais” compartilham: “O tipo de vida que qualquer pessoa quer ter”. Presentes luxuosos para a namorada, carro recém-lançado no país, hábitos fitness sem dificuldades para conciliar com a rotina agitada. Do outro lado da tela, uma vida real. Em 2023, Matheus viajou com sua família para a virada do ano, mas os dias de descanso terminaram antes do esperado, e ele precisou voltar para a cidade em que mora antes de sua família porque o trabalho o chamava.

Mas o minuto de decisão negativa também pesa, deixando Matheus inquieto, atordoado e preocupado nas horas seguintes. “Acontece muito comigo de me isolar quando eu perco muito dinheiro. Além da pressão quando chega perto de pagar uma conta. Se eu não tenho o dinheiro para pagar porque perdi apostando, acabo fazendo outra aposta para recuperar.”

O jovem pensa em abandonar as apostas quando for casar, especialmente porque reconhece a volatilidade das emoções por causa da prática. É por essa inconstância emocional – que também afeta outros contextos da vida – que o jovem tem acordos com a namorada sobre a rotina das bets. As apostas podem ser feitas até um horário combinado entre ambos, independentemente da conta estar positiva ou negativa.

Essa é uma estratégia de controle do comportamento que ajuda a prevenir a dependência.

Matheus estima ter perdido R\$ 10 mil com as apostas esportivas, e R\$ 2 mil com os jogos de cassino – um valor menor, já que, por apostar há quatro anos, as perdas e ganhos se equilibraram.

O relato de Matheus destaca a característica mais marcante das apostas online: a imprevisibilidade. A rapidez e a intensidade das mudanças quando se aposta são constantes. Cada minuto é decisivo na conta – em como as próximas horas do dia serão sentidas: se serão felizes pelo ganho ou tristes pela perda. É como se a velocidade acelerada das apostas online também mudasse bruscamente a vida dos que apostam. Tudo em um minuto.

Psicológico em jogo

Uma história baseada no relato de
José Lucas, 23 anos

“O sonho de todo mundo que aposta é viver de aposta. Se alguém falar que não, está mentindo.” Essa foi a resposta de Lucas quando perguntei se ele já tinha pensado em abandonar o trabalho formal para se dedicar integralmente às apostas online. Aos poucos, o jovem percebeu que o sonho era apenas uma ilusão porque os jogos de azar online atingem, de forma intensa, um contexto sensível para qualquer pessoa: o psicológico.

Lucas sempre gostou de acompanhar futebol, e a paixão pelo esporte fez surgir o interesse pelas apostas esportivas, especialmente por visualizar que poderia ganhar dinheiro com o que o interessava. As apostas do jovem começaram antes da popularização das plataformas online. Os primeiros palpites eram feitos em bancas presenciais. Para não se deslocar até esses espaços, Lucas enviava seus palpites dos jogos de futebol brasileiro que estavam prestes a acontecer para o “corretor da banca” – o responsável por registrar as apostas em plataformas não legalizadas e pouco conhecidas. Depois, o corretor enviava de volta o número de um bilhete, que representava os palpites feitos e quais seriam os possíveis ganhos.

Com a popularização das casas de apostas online, Lucas continuou apostando porque acreditava que o jogo seria uma oportunidade de conquistar sua liberdade financeira. Aos poucos, teve lucro, mas percebeu que ter resultado com as apostas não era tão fácil e não dependia apenas do entendimento que tinha do esporte.

“Eu tinha a ilusão de que ia ficar rico do dia para a noite.” Conforme os palpites aconteciam, essa expectativa foi sendo quebrada.

Lucas percebeu que o que todos dizem sobre “começar a apostar e ganhar muito dinheiro” não era realidade. Ele descobriu que os altos ganhos seriam resultado de pequenos acertos, que viam devagar e dependeriam de muitos palpites. Esse retorno menor e demorado das apostas esportivas fez com que os jogos de cassino o atraíssem.

“Nos jogos de roleta, eu perdi muito mais dinheiro. Mas, quando eu ganhava, era mais também.” Ele conta que já chegou a transformar R\$ 50 em R\$ 2 mil em um dia, mas também perdeu esse valor em um curto período. A estimativa de perda com as apostas online é de R\$ 20 mil.

Para ele, não havia dia, horário ou partida para apostar. As apostas eram quase diárias, e os jogos que recebiam os palpites poderiam ser os mais famosos – como a Libertadores ou a Champions League – até os mais aleatórios, como campeonatos árabes ou de futebol virtual. Os valores também não eram pré-determinados, mas variavam de acordo com os compromissos financeiros. “Se eu tinha R\$ 500 e precisava pagar meu cartão, que era mil reais, eu colocava o que tinha para tentar fazer o valor que precisava.”

Mas não eram apenas os valores que eram voláteis. As emoções de Lucas, no período em que apostava com mais frequência, mudavam repentinamente e de forma intensa – exatamente como o dinheiro apostado era perdido. Quando uma aposta “dava red”, o jovem ficava com os nervos à flor da pele e o psicológico desestruturado, especialmente porque alguns palpites não se concretizavam por segundos ou, no caso dos esportes, por jogadas inimagináveis. “Às vezes, a aposta acabava com o meu dia.”

Mesmo as pequenas perdas financeiras enfureciam o jovem e funcionavam como combustível para realizar novos palpites, na tentativa de sair da plataforma com o saldo positivo. Formava-se o ciclo característico da maioria dos apostadores: apostar para ganhar dinheiro; perder o valor apostado; ficar em um estado de decepção e inconformismo; e realizar um novo palpite. “Eu não sabia a hora de parar e tentar recuperar o dinheiro perdido a longo prazo. Se eu perdia, ficava louco. Por isso não consigo viver de apostar. Não tenho estrutura emocional para isso.”

O impacto emocional – que Lucas descreve como “falta de psicológico bom para apostar” – e o comprometimento das

finanças foram os responsáveis pela diminuição da frequência com que ele apostava. Aos poucos, o dinheiro que deveria ter se tornado uma renda extra com as apostas foi ficando contado para pagar contas. A raiva e nervosismo a cada aposta cheia de expectativa que dava errado foram se acumulando até ele perceber que os jogos de azar online estavam em excesso e precisavam de um basta.

Mesmo após o período turbulento com as apostas, o jovem admite gostar de apostar – especialmente pelo gosto que já nutria pelos esportes. Embora os jogos desestruem o psicológico, Lucas reconhece que a sensação de adrenalina e expectativa ainda o deixam empolgado para novos palpites. Mas, 2025, as apostas são feitas de forma mais controlada e com consciência de como a prática o afeta.

Lucas conseguiu visualizar os efeitos que as apostas online estavam tendo em suas emoções e pensamentos. Conseguiu se afastar da prática de apostar, que, do ponto de vista da Psicologia, é danosa. A linha entre lazer e compulsão é tênue, e poucos conseguem recuar antes de ultrapassá-la. Ele foi um dos que conseguiram restabelecer o controle e entender que o ganho maior é não colocar o psicológico em jogo.

Capítulo 3

O que diz a lei

Por muito tempo as bets permaneceram sem regras. As casas de apostas tinham licenças de outros países e operavam no Brasil sem nenhum impedimento. Até que, em 2024, o mais importante passo de mudança no nosso país aconteceu. Em 31 de janeiro, foi criada a Secretaria de Prêmios e Apostas (SPA), pelo Decreto nº 11.907, que estabeleceu o marco regulatório das bets. Porém, o mercado regulado começou a vigorar somente em janeiro de 2025.

Quando se fala em regulamentação das apostas, a primeira e principal pergunta é: apostar foi legalizado? O advogado, e também atual presidente da Comissão de Direito dos Jogos, Apostas e do Jogo Responsável da OAB-SP, Luiz Felipe Santoro, destaca que apostar é muito amplo e para discutir a licitude é preciso restringir.

Antes da lei de 2023, uma sanção realizada no governo Temer (2016 - 2018) legalizou a operação das apostas esportivas online. Santoro explica que a Lei nº 13.756, de 12 de dezembro de 2018, aprovou esse tipo de aposta pegando carona em outra regulamentação, a das loterias.



LinkedIn / Luiz Felipe Santoro

– Criaram uma modalidade lotérica, chamada apostas de quota fixa em evento real de temática esportiva. Em nenhum lugar do mundo, aposta é loteria. Mas aqui no Brasil associaram uma à outra. Inclusive, é por isso que hoje temos a discussão de que seria possível as loterias municipais licenciar operadoras de apostas no limite de seus municípios. Nós já demos a largada na regulamentação com uma certa improbidade.

A lei de 2018 tinha quatro anos para ser regulamentada, inicialmente dois, prorrogáveis por mais dois. Até 2022 ela não foi regulamentada e uma nova norma precisou ser criada. Aqui é relevante abrir espaço para refletir que, embora a lei de 2018 tornasse as apostas legais no Brasil, elas continuaram por praticamente cinco anos sem regulamentação alguma. Como a prática não era ilegal, os brasileiros podiam apostar nos sites de plataformas estrangeiras, que por sua vez, ficaram recebendo apostas de brasileiros sem pagar nenhum imposto.

Quase um ano depois do prazo da regulamentação da norma de 2018, no final de 2023, foi aprovada a Lei nº 14.970, que iniciou, efetivamente, o processo de regulamentação das apostas online no Brasil, inclusive os jogos de cassino que foram incluídos por meio de uma emenda parlamentar.

– Os jogos de cassino foram incluídos por um incentivo das próprias operadoras de apostas. Várias dessas plataformas alegam que o faturamento com as apostas esportivas representa 30%, enquanto com os jogos online representam 70%. Então, hoje no Brasil temos os jogos de cassino e as apostas esportivas legalizados.

O especialista conta que a regulamentação foi, de certa forma, inspirada na do Reino Unido, incluindo semelhanças na definição dos requisitos que as plataformas precisam cumprir para poder operar legalmente no Brasil. Como no país europeu, uma das exigências às plataformas estrangeiras é constituir uma filial no país de interesse para operar. A filial brasileira de uma plataforma precisa ter pelo menos um sócio brasileiro que tenha investido ao menos 20% no momento da abertura da empresa. Outra exigência é, após a aprovação de alguns documentos, o pagamento de uma outorga¹ de R\$ 30 milhões para o Governo Federal, considerando o uso de três marcas comerciais a serem exploradas pela pessoa jurídica.

Outra decisão prevista na lei trata do processo da tributação, ou seja, a imposição de tributos sobre a renda. As operadoras de apostas vão pagar os tributos aplicáveis a qualquer empresa,

1. Uma taxa fixa paga na assinatura do contrato.

além de 12% do GGR (*Gross Gaming Revenue*, na sigla em inglês),- que é o faturamento com as apostas menos os prêmios pagos aos vencedores e o Imposto de Renda descontado dos prêmios.

Porém, não são só as plataformas que precisam pagar valores ao Governo.

– Os jogadores vão pagar 15% do que lucraram no período de um ano, caso haja um superávit. Não é em uma aposta específica, mas sim no total. Se ele teve lucro em um jogo, mas prejuízo em outros, isso vai se compensar.

Antes de entender como funciona a declaração dos ganhos é importante destacar a divisão do arrecadado com a tributação das apostas. 36% do recolhido vai para a área do esporte, 28% para o turismo, 12,6% para segurança pública, 10% para seguridade social, 10% para a educação e 1% para a saúde. A lei diz: “1% (um por cento) para o Ministério da Saúde, para medidas de prevenção, controle e mitigação de danos sociais advindos da prática de jogos, nas áreas de saúde”. Apenas 1% é destinado para a prevenção e tratamento do jogo patológico, um transtorno que será aprofundado no próximo capítulo. Se houve a decisão de legalizar uma prática que causa dependência, a prioridade deveria ser proteger os apostadores, especialmente em um cenário que não é neutro, pelo contrário, induz diariamente os brasileiros a apostarem através de propagandas, influências pessoais e facilidade de acesso.

Essa análise escancara uma falha, proposital ou não, na distribuição do arrecadado. Para quem é vantajoso que os apostadores se tornem dependentes, sem acesso a políticas de redução de danos? No Brasil, onde as apostas online se transformaram em luz no fim do túnel da desigualdade financeira, é mais que necessário oferecer suporte aos que são convencidos de que apostar pode mudar tudo.

Durante a entrevista com o doutor Santoro, ele comentou sobre as legislações das apostas online em outros países. No caso dos Estados Unidos, por exemplo, as normas são “mais liberais”, impondo ao apostador a responsabilidade por jogar demais e até se tornar dependente.

– Em Las Vegas, por exemplo, tem casas para penhorar algum bem e o apostador conseguir continuar jogando. Essa culpabilização que cai sobre o apostador, legalmente não é possível no Brasil por causa do Código de Defesa do Consumidor, que dá responsabilidade compartilhada ao operador que oferece o jogo.

Embora, segundo a lei, essa responsabilidade unilateral que cai sobre o apostador não seja válida, é importante refletir se esse pensamento estadunidense, talvez pela disseminação de filmes ambientados na Capital Mundial do Jogo, não tem contaminado o pensamento popular brasileiro, com discursos de “cada um sabe como jogar”. São essas ideias que formam a mentalidade que transfere toda a culpa dos danos para quem aposta, mesmo que o jogador esteja cercado de incentivos para a prática. Provavelmente destinar menos recursos para o tratamento dos dependentes do transtorno do jogo seja mais uma maneira de reafirmar que os culpados pela epidemia das bets são os próprios apostadores, e não a estrutura de influência por trás das apostas.

Agora, voltando à aplicação da tributação, como saber quanto os apostadores lucraram? O advogado explica que, diariamente, as plataformas precisam apresentar sua movimentação financeira ao Banco Central, informando quanto entrou de dinheiro na casa de apostas.

Aqui, Santoro abre uma importante questão. Infelizmente, a regulamentação só é cumprida por plataformas de apostas autorizadas. Durante a entrevista para esse livro, em abril de 2025, o especialista destacou a estimativa de que 40% do mercado brasileiro está regulamentado, enquanto 60% ainda está operando ilegalmente. Essa parcela maior não obtém licença para operar no país, não paga para o Governo, não tem políticas de Jogo Responsável, continua fazendo propagandas enganosas, até com a participação de adolescentes, e não monitora os apostadores, sendo possível, em alguns casos, cadastrar-se como apostador usando o CPF de pessoas falecidas. Durante a escrita deste texto, a lista de empresas autorizadas a operar em âmbito nacional foi atualizada, somando 181 marcas regulamentadas.

No caso dos apostadores, além de eles próprios precisarem fazer o cálculo de quanto estão recebendo, as plataformas também

têm acesso a essa informação, uma vez que são obrigadas, pela lei, a ter sistemas de monitoramento da atividade do apostador. Essa obrigatoriedade, porém, não é para identificar os lucros, mas sim para identificar danos associados ao jogo, uma das estratégias para aplicar a política do Jogo Responsável. Esses sistemas devem monitorar os padrões de gasto financeiro, o tempo de jogo e o comportamento do jogador, devendo, como explica o advogado, emitir alertas de que o usuário está apostando quantias altas ou por longos períodos de tempo e, se necessário, excluir a conta do apostador, evitando o superendividamento e o Transtorno do Jogo.

Esse sistema de monitoramento me chamou a atenção. A LGPD (Lei Geral de Proteção de Dados) estabelece regras para o tratamento de dados pessoais. Na Comunicação, essa lei equilibra o direito de acesso à informação e a proteção de dados sensíveis. Como as plataformas de apostas podem monitorar o comportamento dos jogadores? Esse processo significa a invasão a informações particulares? Santoro explica.

– Hoje temos leis que convivem. A regulamentação das apostas trouxe essa possibilidade de monitoramento justamente para proteger o apostador. A discussão acaba sendo mais ampla porque é como se o Estado estivesse protegendo o apostador dele mesmo.

Uma política que pode inspirar o Brasil acontece na Austrália. É o BetStop – the National Self-Exclusion Register, traduzindo, o Registro Nacional de Autoexclusão. Essa é uma iniciativa gratuita do governo australiano para os apostadores se autobloquearem de todos os provedores de jogos de azar online e por telefone licenciados no país. Após o registro, as plataformas de apostas online não podem: permitir novas apostas, liberar a abertura de novas contas e enviar mensagens de marketing. No Brasil é possível se autoexcluir de uma plataforma. Mas o apostador pode continuar jogando em outras contas na mesma operadora ou em outra casa.

Assim, o especialista esclarece que ainda há muitas análises de como a regulamentação das apostas pode não ferir a LGPD, descobrindo aos poucos como essas duas leis podem coexistir harmonicamente.

Outra medida relacionada ao Jogo Responsável é a regulamentação da publicidade. Uma das determinações da lei é que os operadores licenciados devem veicular avisos de desestímulo ao jogo e de advertência sobre seus malefícios, incluindo ações de conscientização dos apostadores e de prevenção do transtorno do jogo patológico. A lei também dá diretrizes para os discursos da publicidade, proibindo a apresentação das apostas como socialmente atraente ou contendo afirmações de personalidades conhecidas ou de celebridades que sugiram que o jogo contribui para o êxito pessoal ou social. No capítulo anterior, você descobriu que, mesmo com a regulamentação, personalidades conhecidas usam o discurso da ascensão social para promover as apostas. Esse foi um dos motivos para a instalação da CPI das Bets, em novembro de 2024.

Segundo informações da Agência Senado, a Comissão Parlamentar de Inquérito, apresentada pela senadora Soraya Thronicke, foi criada para investigar os impactos das apostas online no orçamento das famílias brasileiras, possíveis associações entre sites de apostas e organizações criminosas ligadas à lavagem de dinheiro, e a atividade de influenciadores digitais na divulgação dessas plataformas. Neste ano de 2025, a CPI convocou influenciadores digitais e empresários do mercado de apostas online para prestarem depoimentos.



Influenciadora digital Virgínia Fonseca prestando depoimento, em maio de 2025, na CPI das Bets / Agência Senado

O relatório da senadora Thronicke, que pedia o indiciamento de influenciadores e de mais 14 investigados não foi aprovado na comissão, e, em outubro de 2025, foi também arquivado pelo Ministério Público Federal, após a parlamentar enviá-lo para análise e prosseguimento das investigações.

O desfecho da CPI mostra não apenas a dificuldade de responsabilizar importantes atores na popularização das bets, mas também a necessidade de ações que preencham os pontos fracos da regulamentação.

Santoro defende que, mesmo que o trabalho de regulamentação tenha sido bem feito, ainda há duas situações que precisam de um olhar atento da Secretaria de Prêmios e Apostas. A primeira delas é a operação ilegal de inúmeras plataformas.

– Pelo trabalho e vontade da própria Secretaria, 11 mil sites piratas já foram derrubados. Mas não é suficiente, porque uma plataforma é derrubada e outra surge no lugar.

É preciso encontrar meios para coibir a atuação das plataformas ilegais, por exemplo, envolvendo a proibição dos meios de pagamentos, como a transferência via Pix, operarem para esses sites. A outra situação em que o advogado destaca a necessidade de avanços é a prevenção e o tratamento da ludopatia.

– A legalização aconteceu sem que o país estivesse preparado para prevenir e tratar o transtorno do jogo. O SUS não está preparado para isso. E essa é uma obrigação não só do governo federal, mas de todos nós, porque a prevenção e o tratamento do transtorno do jogo são questões de saúde pública.

Embora as decisões fiquem a critério do poder público, o especialista destaca que o esforço para a prevenção deve ser generalizado, incentivando a tomada de consciência do apostador, a reconstrução dos discursos de divulgação e a responsabilidade dos desenvolvedores de jogos de azar online a fim de construir um mercado saudável, seguro e sustentável.

No próximo capítulo, o destaque é o assunto definido como urgente pelo advogado: o transtorno do jogo.

Como ele se desenvolve, se equipara a outras dependências e quais são as iniciativas de prevenção são alguns dos tópicos que psicólogos especialistas no atendimento de dependentes esclarecem.

Na linha de frente das bets

Uma história baseada nos relatos de Bruno, 27 anos, e Luiz Henrique, 31 anos

“Esse caso me deu um choque de realidade porque reforçou que eu estava lidando com pessoas que são emocionalmente instáveis.”

Luiz começou a trabalhar, em 2022, na plataforma de apostas Blaze, conhecida por ter o jogador de futebol brasileiro Neymar Jr. como garoto propaganda. Sua função era atendente de chat. Ele fazia parte da equipe que conversava diretamente com os apostadores, respondendo dúvidas e, frequentemente, lendo mensagens que revelavam o desespero que as apostas online estavam causando.

Mesmo que a conversa mostrasse a vulnerabilidade dos apostadores, os atendentes eram instruídos a dar respostas prontas, todas desconsiderando a sensibilidade da situação que os usuários enfrentavam. O motivo para iniciar a conversa era quase sempre a alta quantia de dinheiro perdida – reclamação que geralmente vinha acompanhada de um pedido de socorro disfarçado de solicitação de reembolso.

“Era super comum receber mensagens dizendo que a pessoa gastou o dinheiro que era da fralda do filho, que não tinha dinheiro para pagar o aluguel ou a luz. Eu lidei com muitos clientes desesperados, que culpavam quem estava atendendo pela perda do dinheiro.” Luiz descreve o período em que era atendente de chat como cansativo e muito impactante, mexendo com ele “de maneiras catastróficas”.

O caso mais marcante dessa época foi um usuário enviar, na conversa que ele atendia, a imagem de uma arma de fogo dizendo que iria cometer suicídio.

“Eu fiquei muito impactado, mesmo que, pesquisando a imagem, você encontrasse uma igual no Google. Eles vão tentando, de conversa em conversa, conseguir alguma migalha de reembolso na expectativa de apostar de novo e recuperar o valor perdido.”

A plataforma de apostas não disponibilizava nenhum tipo de treinamento para um atendimento mais humanizado. Em casos semelhantes ao recordado por Luiz, o máximo que a empresa recomendava era o envio de uma curta mensagem sugerindo ao usuário entrar em contato com o CVV (Centro de Valorização da Vida) pelo telefone 188 pedindo ajuda. Independente da gravidade da situação, o reembolso que muitos apostadores solicitavam era sempre negado, seguido da mensagem “conforme os termos de serviço aceitos ao ingressar na plataforma”.

A empresa também não oferecia apoio psicológico aos funcionários que lidavam com o público. Luiz tinha um contrato internacional, trabalhava de forma remota e recebia por hora. Somente após um ano de trabalho, a empresa começou a pagar dias de férias. “Era você por você mesmo. Se você pedia ajuda a um supervisor, a resposta que recebia era ‘segue do jeito que está fazendo’.”

Na época em que trabalhava na Blaze, a regulamentação das apostas no Brasil ainda não existia. A plataforma era licenciada pela Autoridade de Jogos de Curaçao, país no Mar do Caribe. Serem licenciados por outro país e não existir, até então, lei sobre as apostas online no Brasil blindava a empresa, tornando quase impossível ingressar com uma ação judicial. Uma das políticas antiéticas que a plataforma mantinha antes da lei brasileira era a impossibilidade de excluir uma conta permanentemente. “Se o cliente pedia para fechar a conta para sempre, nós fazíamos uma suspensão por 30 dias. Se no dia 31 depois do bloqueio, ele entrasse na conta, ela estaria no ar, funcionando normalmente.”

Enquanto trabalhava na Blaze, Luiz fazia dupla jornada em uma plataforma de apostas russa. Uma das diferenças entre os dois trabalhos era a sensibilidade que o funcionário precisava ter durante a conversa. Se o atendente percebia que o cliente estava prestes a entrar em um estado de dependência, tinha autonomia para

fechar a conta. Mas, mesmo que os apostadores fossem de outro país, as mensagens tinham o mesmo teor. “As mensagens diziam: ‘você destruiu a minha vida’, porque eles encaravam o atendente do chat como o representante da plataforma. O desespero era do mesmo jeito em todos que eu atendia, independentemente da nacionalidade.”

Após algum tempo na função de atendente, Luiz se tornou líder do chat, sendo o responsável por supervisionar o atendimento realizado por outras pessoas. Depois dessa função, em 2023, migrou para trabalhar em outra plataforma de apostas, a Superbet, que em 2025, patrocina o São Paulo Futebol Clube. Nessa casa de apostas, ele ocupa o cargo de trader, o profissional que analisa estatísticas para definir as odds iniciais que serão oferecidas ao público. Desde que entrou na Superbet, as normas da regulamentação já eram cumpridas e medidas de proteção ao usuário colocadas em prática.

Nas plataformas em que trabalhou, os atendentes de chat tinham acesso às contas dos usuários. Luiz percebia que os que jogavam em apostas esportivas conseguiam estabelecer mais controle do hábito, enquanto os que optavam pelos cassinos tinham um comportamento que refletia a mentalidade de quem achava que ia enriquecer. “Na época em que eu trabalhava, o Neymar fazia lives para a plataforma apostando. As pessoas se encantavam e entravam em uma onda de desespero para tentar fazer um dinheiro extra.”

Por essa experiência, ele acredita que, mesmo que as pessoas consigam apostar de forma controlada, não existe uma maneira saudável de jogar nas apostas. “Acho uma prática extremamente danosa. Esses jogos existem porque muitas pessoas ficam deslumbradas. Ganham uma vez, depois nunca mais, e continuam perdendo dinheiro por muito tempo.”

Enquanto trabalhava na Blaze, Luiz conheceu Bruno, que começou como atendente de chat na mesma plataforma alguns meses depois. Bruno terminou a graduação na época da pandemia do coronavírus. A oportunidade de trabalhar em uma plataforma de apostas apareceu enquanto ele estava quanto ao futuro, com medo de não conseguir um trabalho que suprisse as necessidades financeiras. “Eu vi o anúncio ‘de três a cinco dólares a hora’ e me candidatei. Me chamaram após três meses. Esse foi meu primeiro emprego acima de um salário mínimo.”

Com o passar do tempo na função de atendente, iniciada em 2022, ele conta que foi se dessensibilizando com os casos, principalmente porque as mensagens sempre tinham um conteúdo parecido: a reclamação de enfrentar a falência financeira. A história que causou mais preocupação em Bruno aconteceu na plataforma de apostas internacional que trabalha desde fevereiro de 2024, e cujo nome preferiu não informar. Um usuário canadense iniciou uma conversa reclamando e exigindo incessantemente bônus de apostas. No decorrer do atendimento, Bruno percebeu que o cliente apresentava sinais de dependência e optou por congelar a conta dele. Quando uma conta é congelada, não é possível realizar novas apostas, depositar valores ou sacar o que está na plataforma.

O congelamento de contas é uma alternativa que a plataforma em que Bruno trabalha atualmente enfatiza com os atendentes. Sinais relacionados a depósitos excessivos, pedidos repetidos de bônus de apostas ou mensagens que revelam o comprometimento de valores destinados ao pagamento de contas são motivos para o congelamento. Nesses casos, os atendentes são instruídos a fazer algumas perguntas e encaminhar o chat para o setor de compliance da empresa.

Em um dos casos que Bruno atendeu, uma cliente que entrou em contato solicitando ajuda na verificação de conta comentou que tinha um histórico de problemas com as apostas online. Inicialmente, ele se sentiu pressionado para agilizar o trabalho. Mas a usuária mencionou novamente o problema anterior. Como o procedimento da empresa é, na dúvida de o cliente ser um dependente em potencial, congelar a conta, Bruno optou por essa medida. Fazendo as perguntas padrão, a apostadora revelou que não se sentia confortável jogando e foi encaminhada para a equipe de compliance. Automaticamente, a plataforma excluiu a conta e realizou o saque de todo o valor para a conta de depósito.

“Acho que isso é um contraste entre políticas que são mais consolidadas internacionalmente. No Brasil, eles seguem o procedimento da própria legislação. Mesmo com sinais, se não houver nenhuma obrigatoriedade de ação, eles não fazem nada.”

Enquanto na Blaze o treinamento inicial se limitava a conhecer a plataforma, a empresa em que trabalha se dedicou a explicar as políticas de Jogo Responsável.

Na plataforma internacional, que tem sua base de usuários no Canadá, Finlândia, Irlanda e Nova Zelândia, Bruno conta que, como as políticas de Jogo Responsável precisam ser seguidas à risca, terror psicológico e pressão pairam no ambiente organizacional, que é virtual. “Eu já até sonhei que estava realizando um atendimento; minha mãe veio me acordar e eu disse: ‘mãe, por favor, é só aguardar que o dinheiro vai cair na sua conta’. Eu alucinei porque é uma pressão constante, já que a empresa tem medo de acontecer algum problema e perder a licença.”

Para garantir o cumprimento das políticas do Jogo Responsável a plataforma tem mecanismos de controle que o apostador pode aplicar em sua própria conta ou a plataforma pode estabelecer. Contador de tempo de uso, quantidade de depósitos semanais ou mensais, limite de gastos (definido pela equação de saque menos apostas, ou seja, quanto de prejuízo o jogador está disposto a ter) são configurações que ficam disponíveis no site.

A experiência de Bruno é reflexo da posição que ele ocupa na linha de frente do cenário das apostas online. Ele é o ponto de contato com os apostadores, o principal público afetado pelas bets. Mas, mesmo ocupando essa posição, Bruno tem uma visão macro do cenário dos jogos de azar online e destaca que opinar sobre a situação não pode se basear em um olhar direcionado aos que apostam.

“Não podemos deixar de lado os grandes clubes que têm marcas de bet nas camisetas, nome de estádio sendo alterado para alguma casa de aposta, propagandas em canais de TV aberta. É preciso analisar em rede, não é um processo individual. Podemos inserir também o governo. O governo pode fazer de tudo para fechar as plataformas, mas, se entendemos a lógica do lucro, ele também está ganhando em cima das perdas dos próprios cidadãos.”

Bruno também faz questão de dizer que, embora seja crítico ao mercado, reconhece suas contradições. O salário que recebe hoje demoraria e exigiria muito esforço, inclusive psicológico, para ser conquistado por meio de sua graduação. “Eu estou começando a minha vida agora, com necessidade de comprar uma casa nessa economia. Eu queria muito ser professor, mas, até passar por mestrado, doutorado, concurso, eu poderia estar desempregado.”

As histórias de Luiz e Bruno mostram que os efeitos das apostas online não se limitam ao apostador.

Os atendentes de chat são, para o público consumidor das bets, os representantes das plataformas, muitas vezes colocados na posição de culpados pela perda, já que são os únicos acessíveis aos jogadores; outras vezes, são a última esperança de recuperar o valor gasto e se reerguer. Para eles, as bets verdadeiramente significaram uma mudança financeira, já que, como contado, os pagamentos são atrativos. Mas, acima disso, promoveram uma mudança intensa na forma de encarar a realidade após se depararem com contextos sociais sensíveis.

Capítulo 4

Psicologia por trás do jogo

O que começa como uma aposta ocasional, muitas vezes encarada apenas como diversão, pode se transformar em um problema silencioso: a dependência. O risco à saúde psicológica, mesmo que menosprezado, é quase inerente à prática de apostar. Esse perigo – presente desde os cassinos elitizados até o popular Jogo do Bicho – intensifica-se no universo das apostas online, disponíveis a qualquer hora e a poucos cliques de distância, acompanhadas por estímulos constantes e por um discurso sedutor de promoção. Ao transtorno do jogo, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5TR) da Associação Americana de Psiquiatria, dá o nome de Ludopatia. Essa dependência, embora pouco falada de forma profunda, tem o mesmo funcionamento da dependência química. Entender como ela ocorre, os prejuízos e tratamentos para quem a enfrenta é um passo essencial para olhar, de forma mais sensível e responsável, para a regulamentação das apostas online e dos cenários que as cercam.

Apostar significa empenhar um bem de valor sob um evento que não se tem previsibilidade do resultado. A Ludopatia caracteriza-se por uma espécie de fissura, chamada de *craving*¹, e pela perda do controle sobre a realização desse comportamento. O ciclo da dependência começa por um impulso de jogar e se mantém pela compulsão, isto é, pela repetição do comportamento, porque o apostador acredita que sempre terá benefício na próxima jogada e que

1. É um desejo intenso e incontrolável por uma substância, que pode variar em intensidade e frequência. O *craving* é um componente central em transtornos por uso de substâncias e compulsões.

ela o tornará melhor na realização das futuras apostas. Esse funcionamento é explicado por Mirella Mariani, psicóloga e supervisora do Programa Ambulatorial do Jogo Patológico (PRO-AMJO) do Instituto de Psiquiatria do HCFMUSP (Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo).



LinkedIn / Mirella Martins de Castro Mariani

– A pior coisa para um apostador é ganhar na primeira vez em que ele aposta. Se você já entrou em uma casa de jogo ou já jogou de alguma forma, quando há ganho, cores e barulhos começam a acontecer para te parabenizar. E pronto. Instalou um jogador que vai ter problema no futuro, porque ele vai achar que aquilo acontecerá sempre. Há um condicionamento que reforça o comportamento.

Esses elementos que caracterizam a Ludopatia são encontrados também na dependência do álcool e de entorpecentes. A diferença está na forma que elas chegam ao corpo. Na dependência química, algo é colocado para dentro do organismo. Já o consumo do jogo é comportamental. Porém, as substâncias – sejam elas ingeridas ou não – atuam igualmente, atingindo exatamente as mesmas áreas do cérebro e provocando alterações comportamentais e cognitivas².

Uma dessas alterações é no controle do comportamento do jogo. Mesmo que o apostador perceba os prejuízos que as apostas têm causado e deseje parar com a prática, ele não consegue. Antes

2. O comportamento faz referência às ações observáveis e mensuráveis de um indivíduo, enquanto a cognição abrange os processos mentais internos, como pensamentos, sentimentos, percepções e memórias, que influenciam o comportamento.

disso, porém, quem aposta enfrenta a dificuldade de reconhecer que a prática se tornou um problema. Quem explica isso é o psicólogo Vinícius Xavier, que há 16 anos intervém em atuação clínica no comportamento aditivos.

– O apostador tem um nível de consciência muito baixo. O despertar dele para que apostar se tornou um problema demora e costuma vir após um prejuízo grande ser instalado.

Além da falta de autocontrole e de clareza quanto aos prejuízos, um sinal de alerta da Ludopatia é o afunilamento do repertório. A atenção de quem aposta passa a se voltar quase sempre para questões relacionadas ao jogo. É como se os assuntos, interesses e passatempos entrassem por um funil, que vai se fechando até restarem apenas temas relacionados ao jogo de azar. O tempo de apostador passa a ser gasto analisando estratégias para apostar, acompanhando apostadores nas redes sociais e conversando com outras pessoas sobre seus resultados. Esse é o momento em que as pessoas que convivem com ele conseguem identificar a imersão nas apostas online, com diferentes áreas da vida cercadas.

Nesse ponto o jogo deixa de ser passatempo e começa a se tornar uma prisão. O repertório se estreita, a vida se organiza em torno da próxima aposta e a crença de estar no controle vira um disfarce para a dependência. Cada tentativa de parar abre espaço para uma recaída, e cada recaída aprofunda ainda mais o abismo: esse é o círculo vicioso das apostas.

Vinicius Xavier explica que esse ciclo se perpetua por um esquema de reforço intermitente. Se você já conheceu alguns conceitos da Psicologia, provavelmente ouviu falar dos experimentos de Skinner com ratos em laboratório. Foi desses experimentos que surgiu o conceito de reforço intermitente: determinado comportamento tem sucesso, ou seja, recebe um reforço apenas algumas vezes em que é realizado.

Imagine um rato de laboratório que, a cada vez que pressiona uma barra, recebe água em troca. Enquanto a água é entregue continuamente, a lógica é simples: aperta e recebe. Mas se a água para de ser entregue de uma vez por todas, mesmo apertando a barra, em pouco tempo, o comportamento se extingue.

O mesmo aconteceria com um jogador: se todas as suas tentativas resultassem apenas em derrota, logo ele desistiria de apostar. Mas é aí que se instala a armadilha. As casas de apostas não oferecem apenas perdas ou apenas vitórias. Elas oferecem um fio de esperança inconstante. Hoje é ganho, amanhã é perda; três dias de derrota são seguidos por uma vitória repentina, que reacende o desejo de jogar mais vezes. Esse padrão de reforço, tão irregular quanto sedutor, é também o mais poderoso: comportamentos aprendidos sob ele não desaparecem com facilidade. É nesse vai-e-vem de sorte e azar que o jogador se prende, cada vez mais, na dependência. Esse esquema é reforçado ainda por uma forte liberação de dopamina.



– A dopamina é o neurotransmissor da expectativa. Ele não é um neurotransmissor da vitória, do prazer, do ganho. Só o fato de apostar já é o suficiente para que o indivíduo experimente uma emoção muito forte, que é uma emoção antinatural.

Instagram / @dr.viniciusxavier

No momento em que o apostador gira a roleta virtual das apostas, ele experimenta fortes emoções internas que não acontecem de forma cotidiana. Assim como um usuário de substâncias, o jogador encontra uma maneira rápida e fácil, que está na palma de sua mão, de experimentar uma forte emoção. Essa forte emoção é ainda uma estratégia de regulação emocional para muitos apostadores. Para uma parcela dos que apostam em jogos de azar online, o jogo funciona como uma saída para a ansiedade, depressão e outros transtornos psicológicos.

– Esse é o apostador mais difícil de tratar. Quando joga, ele sente uma satisfação que outras questões da vida não dão para ele. É o mais difícil porque não interessa se ele perde ou ganha. É o comportamento de apostar que vai mantê-lo sempre ali. Dentro desse contexto, principalmente mulheres são afetadas.

A frase que o psicólogo Vinícius inicia essa fala já vislumbra o passo que vem após a identificação dos comportamentos de uma pessoa com dependência em apostas: o tratamento. O tratamento para a Ludopatia é baseado em psicoterapia e farmacologia. Ou seja, acompanhamento com psicólogos ou psiquiatras, como fator essencial, aliado a medicamentos, como coadjuvantes nesse processo. Além disso, Vinícius destaca que a mudança do estilo de vida é peça-chave no tratamento dessa dependência.

É esse tratamento que o PRO-AMJO (Programa Ambulatorial do Jogo Patológico) do Instituto de Psiquiatria do HCFMUSP (Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo), que tem a psicóloga Mirella Mariani como supervisora, realiza.

O trabalho realizado no Programa é decorrente das pesquisas do doutor Hermano Tavares. Quando concluiu a graduação em Medicina pela USP, em 1991, Tavares já estudava dependências, e começou a se dedicar a entender as diferenças entre compulsividade e impulsividade, que popularmente sempre eram comparadas e confundidas. A compulsividade é caracterizada pela repetição de um comportamento para aliviar uma angústia ou sofrimento intenso. Já a impulsividade envolve uma ação impensada e desmedida em busca de uma recompensa imediata. Estudando as dependências, o médico entendeu que o jogo se encaixa no meio dessas duas tendências comportamentais. Foi para estudar mais a questão do Jogo Patológico, antes de existirem as apostas online, que ele fundou o ambulatório do PRO-AMJO. Mirella conta que atualmente (maio de 2025), o Programa é formado por uma equipe de aproximadamente 60 pessoas.



Fachada do IPq do Hospital das Clínicas da FMUSP – Marcos Santos/USP Imagens

Para participar do tratamento, o apostador precisa acessar o site www.proamiti.com.br/transtornodojogo e se cadastrar, por conta própria e voluntária, para se tornar um paciente. Na página, há uma aba dedicada à reflexão, com perguntas que incentivam o leitor a analisar quais situações ele já vivenciou com as apostas online.

– Ele precisa entrar em contato porque se outra pessoa quer que o apostador seja tratado, mas ele não reconhece que tem um problema e acredita que está tudo bem, quando iniciamos o tratamento, ele não se sente motivado e para de frequentar as sessões na primeira vez que vai.

Após o cadastro, o paciente passa por uma triagem com questões sobre a saúde e comportamento, por exemplo, se ele é uma pessoa deprimida ou extrovertida, se ele é fumante ou ingere bebidas alcoólicas, seguida de uma avaliação neuropsicológica, que verifica a capacidade cognitiva dele, questões como memória e atenção.

O caminho para o início da psicoterapia é detalhado para garantir mais personalização e êxito no processo. Após as avaliações iniciais, o paciente passa por consultas: uma médica para avaliar a parte endócrina e cardiológica, e outra psiquiátrica para avaliar comorbidades.

– Imagina um homem que ficou, por exemplo, jogando em aposta esportiva o dia inteiro. Tem paciente nosso que fica olhando o jogo de vôlei na Grécia, vôlei de praia infantil e ele pode jogar o dia inteiro. Ele não come, não dorme, não vai ao banheiro, fica com dívida, não se relaciona com a família, perde emprego. O psiquiatra vai avaliar essas condições porque há casos em que até fazer terapia é difícil.

Após as consultas, o psiquiatra prescreve a medicação, que pode e deve ser retirada pelo SUS (Sistema Único de Saúde), e o paciente é acompanhado, por aproximadamente seis meses, por esse profissional.

Em seguida começam as sessões de psicoterapia. Para sensibilizar o paciente quanto a dependência que ele possui, o processo é iniciado pela etapa psicoeducacional, seguida de uma intervenção motivacional. O paciente recebe explicações sobre o que é a Ludopatia, como ela afeta as finanças, o relacionamento familiar e o emocional.

– Na intervenção motivacional nós fazemos três sessões para trabalhar a motivação do paciente para ele estar mais pronto para se tratar. Nós [equipe de psicólogos do Programa] tiramos ele do estado contemplativo e colocamos em ação. Os pacientes chegam sabendo que têm um problema, mas sem saber o que fazer com ele. Então nós o incentivamos a tomar a medicação, tentar recuperar a vontade de fazer outras coisas.

Após a intervenção, os pacientes são divididos aleatoriamente em dois grupos de diferentes terapias: psicodinâmica (baseada nas teorias de Freud, trabalha conflitos internos) e cognitivo-comportamental (trabalha as relações entre pensamentos, emoções e ações). Mirella conta que o trabalho é realizado em grupo porque,

além de otimizar o tempo e beneficiar mais pessoas com o Programa, os pacientes conseguem compartilhar experiências e soluções entre si.

– Se um deles está na mesma situação que outro, pode levar a solução compartilhada para a própria vida e tentar replicar a experiência positiva de outro paciente. Geralmente, realizamos de 15 a 20 sessões, dependendo da linha trabalhada. Na terceira sessão de TCC (Terapia Cognitivo-Comportamental), que é a que eu supervisiono, os pacientes já estão sem jogar. É raro um paciente iniciar o tratamento com a medicação, passar pela terapia e não estar disponível para a abstinência.

Durante o tratamento, a família do paciente também é convidada a participar. Segundo Mirella, todo paciente que tem familiar, amigo ou parceiro engajado no tratamento tem mais chances de se manter abstinente.

– Quem convive a realidade com um apostador tem duas posturas: a primeira é a culpabilização, o apontar o dedo na cara, “você acabou com todo o meu dinheiro”, e a segunda é a vitimização, “você acabou comigo, eu não tenho mais vida”. Quando perguntamos se essa postura funcionou, a resposta é não. Convidamos esses familiares a aprender a se comunicar melhor, a cuidar mais de si e a pensar em outras estratégias de enfrentamento junto aos jogadores.

O índice de conclusão do tratamento é alto: 80% dos pacientes convocados para a intervenção motivacional vão para a terapia e, desses, 80% terminam o tratamento. Após o término os pacientes não são desamparados. Os médicos e terapeutas ficam na supervisão para avaliar a abstinência. Se o paciente recai, ele é convocado para grupos de manutenção; faz duas visitas e, se continuar jogando, torna-se um caso especial do ambulatório. Nesses casos especiais, a equipe do Programa, formada por terapeutas ocupacionais, enfermeiros, médicos e neuropsicólogos, se reúne para analisar qual a melhor intervenção. Após um ano de permanência no ambulatório após o fim do tratamento, os pacientes são convidados para o PROMEV (Programa de Mudança de Hábito e Estilo de Vida),

também do Instituto de Psiquiatria, com atividades físicas, meditação e nutrição.

O trabalho realizado pelo PRO-AMJO é louvável – tanto pela completude em que o apostador é tratado, como por democratizar o acesso à saúde e às soluções para lidar com a Ludopatia, uma dependência ainda menosprezada se comparada a outras. Mas se de um lado há toda uma estrutura dedicada a tratar o apostador, de outro há a narrativa de que é possível apostar de maneira “saudável”, um discurso que sugere limites e controle em um terreno feito para derrubá-los.

– No ambulatório acreditamos em abstinência total. Se você for olhar a quantidade de pessoas que desenvolvem transtornos do jogo, o índice é de 3,5% a 4% da população que joga, então, em uma sala com cem pessoas, quatro vão desenvolver o transtorno do jogo. “Ah, por quatro, tudo bem, deixa o resto jogando”. Não é bem assim porque essas quatro pessoas podem cometer suicídio.

Somada à gravidade que a Ludopatia pode atingir, Mirella destaca que, em pessoas impulsivas, a impulsividade transita de uma para outra. Por exemplo, se uma pessoa bebe muito, provavelmente ao tentar parar, ela comece a fumar muito. Reduzir a impulsividade é uma tarefa difícil. Assim, consentir a um ludopata que passou por tratamento que ele “jogue de forma controlada” é abrir um caminho para ele recair mais facilmente. A especialista explica:

– Há uma área no cérebro que controla a liberação de dopamina. Todos sentimos prazer comendo, comprando, com sexo – mas fazemos essas ações de forma controlada. Se eu tiro o que libera a dopamina mais constante e frequentemente em um dependente – no caso, o jogo –, durante o tratamento eu vou buscar outras fontes de dopamina, sugerindo atividades que juntas vão causar no cérebro o efeito que apostar causava. Não dá para um paciente que é portador de transtorno do jogo voltar a jogar, a vida dele se vira para isso.

Já para as pessoas que querem apostar e não passam pelo transtorno do jogo, a indicação é estabelecer filtros e limites para

controlar o comportamento, tentando colocar em prática o Jogo Responsável. Por exemplo, estipular um valor para as apostas e se esse valor for perdido, não colocar mais dinheiro. Outra sugestão é estipular o percentual de ganho e perda para entender que os ganhos não devem causar euforia. O psicólogo Vinícius também sugere:

– É interessante ter egos auxiliares: pessoas ao seu redor monitorando o comportamento e alertando se as apostas estão excessivas. Eu também estipularia uma data ou campeonatos específicos para jogar, no caso das apostas esportivas. São medidas para ter controle e consciência de como e quanto se está jogando. Mas eu nunca lidei com uma figura dessa: nunca atendi um apostador que percebesse que está abusando e buscasse ajuda para prevenção. Todos os pacientes que tenho são dependentes.

Para o especialista, a dificuldade em sustentar a sobriedade nas apostas decorre da facilidade de acesso. Diferente das lotéricas, as plataformas online estão sempre abertas. Mesmo que os apostadores acessem para jogar em apostas esportivas, os jogos de cassino estão sempre ao lado, com abas que capturam o jogador dos esportes para as roletas. Se o próximo jogo nacional demorar para acontecer, o apostador tem a possibilidade de jogar em campeonatos estrangeiros – de times do outro lado do país, que na maioria das vezes ele não tem conhecimento –, disponíveis para tentar um palpite apenas pelo desejo de apostar.

– Torna-se um comportamento de difícil intervenção justamente por essas características, porque o indivíduo está sob uma situação amplamente disponível. E, se ele parar de jogar, ainda é assediado com mensagens de bônus de apostas; se bloquear o e-mail, o algoritmo das redes sociais ainda fica enviando propagandas a respeito das apostas.

Diante de um cenário em que o acesso às apostas é ilimitado e o estímulo ao jogo não para nem quando o apostador tenta se afastar, a pergunta que surge é inevitável: do ponto de vista da saúde pública, o Brasil está preparado para lidar com as consequências da epidemia das bets? Para Mirella e Vinícius, a resposta é

negativa, e a realidade, até assustadora. O primeiro ponto levantado por Vinícius é que os profissionais que atuam nos CAPS (Centros de Atenção Psicossocial) não estão adequadamente preparados para o atendimento dos dependentes. Desde 2008, quando se tornou psicólogo, ele trabalha com comportamentos aditivos. A experiência o fez levantar a bandeira contra a legalização de qualquer uma outra substância, além das já legalizadas (álcool e tabaco) – inclusive as bets.

– Em um país ideal, todas as substâncias devem ser legalizadas e o recurso da venda destinado ao tratamento de saúde mental e campanhas de prevenção e uso consciente. Mas não há educação, liberdade e tratamento para quem decide usar.

A opinião, fruto da experiência no tratamento de adictos, também se aplica às apostas online. Para Vinícius, a falta de especialização profissional – especialmente por culpa da inércia do governo brasileiro desde o *boom* das bets, com início no ano de 2020, em paralelo com a pandemia do coronavírus – torna o cenário da saúde pública despreparado.

– Meu consultório está abarrotado de pessoas com esse problema. Nas minhas redes sociais, eu sempre recebo relatos de quem precisa de ajuda. Por isso, desenvolvi um produto digital para tratar esse público, e nas campanhas de divulgação, o número de pedidos de ajuda é muito grande. Há uma demanda de tratamento reprimida e muitos profissionais que não sabem ajudar.

O bate-papo com o psicólogo Vinícius aconteceu em maio de 2025. Em agosto do mesmo ano, o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, sancionou a Lei 18.186/25, que prevê atendimento especializado nos CAPS do estado para pessoas com vício em jogos de azar, sejam eles em cassinos físicos ou virtuais. A lei prevê capacitação técnica de psicólogos, psiquiatras e assistentes sociais, com foco no tratamento do vício, além da criação de grupos terapêuticos para oferecer suporte contínuo e promover a reintegração social.

Mirella também acredita que a saúde pública brasileira não está preparada para os efeitos das bets, e a avaliação parte do despreparo do país com outras situações delicadas decorrentes das apostas online.

– O artigo 227 da Constituição protege as crianças e adolescentes de qualquer exposição que os coloque em risco. E eu pergunto: depois das apostas online chegarem ao Brasil, você já viu algum jogo de futebol sem propaganda de bet na tela? Sem um time patrocinado por uma plataforma de apostas? Você não pode fechar o olho de uma criança para ela não ver. Se eu escrever uma palavra fora das diretrizes das redes sociais em uma publicação patrocinada, ela é derrubada. Mas propagandas de bets com criança continuavam disponíveis.

Em junho de 2024, o Ministério Público de São Paulo encaminhou um ofício à Meta – dona do Instagram, Facebook e WhatsApp – solicitando explicações sobre perfis de influenciadores mirins que fazem publicidade de apostas online. O requerimento se baseou em um levantamento do Instituto Alana, ONG em defesa da infância e da adolescência, que apontou perfis do Instagram de meninos e meninas a partir de seis anos de idade anunciando jogos de azar online. Para a psicóloga, a propaganda das apostas online deveria ser restrita às próprias plataformas, assim como a propaganda de tabaco e álcool é restrita ao ponto de venda. Essa regulação impediria que as bets invadissem a vida cotidiana, o que acontece quando uma sugestão de palpite surge na televisão durante um jogo, por exemplo, e fica disponível para atrair qualquer público que esteja assistindo a partida, inclusive menores de idade.

Mirella fala que, assim como as comunicações não estão preparadas para o movimento descontrolado das apostas online, o mesmo acontece com a saúde.

– As plataformas de apostas deveriam ter, no setor de compliance, jogadores anônimos, psicólogos e especialistas que identificam os efeitos em diversos contextos sociais, para discutir o que são práticas benéficas.

Também o dinheiro arrecadado precisa ser destinado para o tratamento dos dependentes. No nosso ambulatório, só o professor coordenador, que é concursado, recebe salário. As outras 59 pessoas fazem trabalho voluntário.

A fala da psicóloga traz de volta a reflexão que perdura neste livro-reportagem. É preciso transferir a responsabilidade do tratamento para os responsáveis pela situação crítica atual – entre eles, as próprias plataformas de apostas. Culpar apenas o apostador das consequências das bets é eximir a responsabilidade dos verdadeiros culpados: os que fizeram propaganda irrestrita e enganosa, os que permitiram que as plataformas operassem sem regulamentação por um longo período e os que ainda subestimam uma dependência que atinge parcela alta dos brasileiros.

Quando o jogo acaba

Uma história baseada no relatos de Guilherme, 22 anos

“Ele escreveu que se sentiu inútil, muito mal, que foi tomado por sentimentos ruins e tomou aquela decisão por ter perdido o dinheiro.”

Essa história é baseada no relato de Guilherme. O pai dele era primo de Tiago, o protagonista desse caso. Guilherme cresceu na casa do primo de segundo grau, criando um laço de proximidade muito forte com ele. O fato aqui relatado aconteceu em dezembro de 2024, na cidade de São Joaquim da Barra.

Tiago tinha 37 anos, era casado e tinha um filho de nove anos. Há alguns anos, ele enfrentava um quadro depressivo que tinha crises frequentes. Nos últimos meses de 2024, o primo de Guilherme se envolveu com as apostas online, especificamente com o Tigrinho, um dos jogos de cassino das plataformas.

Guilherme lembra que, às vezes, Tiago compartilhava sobre as perdas. Ele e a esposa tinham uma empresa de decoração e animação de festas. Como a maioria dos eventos acontecia durante o final de semana, o dinheiro que recebiam seria o saldo disponível para os próximos dias, até chegar a próxima celebração que organizariam.

Em um dos finais de semana de trabalho, a dupla recebeu R\$ 20 mil pela realização de alguns eventos. Na segunda-feira, a esposa de Tiago foi recolher os materiais usados na última festa, e Tiago apostou durante esse tempo. Ao chegar em casa, a mulher não encontrou o esposo.

No lugar dele estava uma carta escrita à mão com uma despedida. No papel, Tiago escreveu que estava indo tirar a própria vida porque enfrentava a depressão há muito tempo e, junto a isso, tinha perdido nas apostas todo o dinheiro conquistado pela família durante o final de semana, que seria usado para pagar algumas contas.

O desaparecimento do homem durou de segunda até quinta-feira. Após a polícia ter sido acionada e o caso noticiado nos jornais da cidade, ele foi encontrado com o carro embaixo de uma árvore, em uma estrada de terra. “Na carta ele falou que o estopim foi ter perdido R\$ 20 mil e que a esposa e o filho não mereciam um marido e um pai que fizesse isso.”

Mesmo que Tiago sofresse com um quadro depressivo, não se pode reduzir o acontecimento somente à questão de saúde. Guilherme deixou claro que a vergonha e o arrependimento com a perda financeira foram gatilhos para o suicídio.

Caminhar para o fim deste livro-reportagem com essa história é significativo porque reitera duas importantes mensagens aqui reveladas. A primeira delas é a importância de protagonizar um assunto que está no presente e tem efeitos no agora. Quanto mais adiamos conversas responsáveis e decisões governamentais sobre as apostas online, prolongamos ainda mais os danos que elas vêm causando na população, nas famílias e nos recém-entrados na vida adulta. A segunda reflexão reforçada por essa história é a de que se faz mais que necessário responsabilizar os verdadeiros culpados pela normalização das bets. Assim, casos como o de Tiago não passam despercebidos e servem de prova para uma transformação no cenário das apostas online.

Conclusão

É comum, no cotidiano brasileiro, você se deparar com situações em que a vítima é colocada como culpada. No cenário das apostas online, não é diferente. Frases como “eu divulgo, mas você que escolhe se vai jogar” são frequentes nas publicidades das bets. Essa é uma declaração pública feita para se eximir das consequências negativas que elas geralmente causam.

Mas, de forma unânime, no decorrer deste trabalho, os especialistas destacam a importância de não culpar o apostador pelas perdas e por decisões impulsivas. Todo o esquema dos jogos de azar online é arquitetado para induzir à adesão e ao exagero. A maioria dos que decidem apostar acaba sendo vítima dessa estrutura que leva ao deslumbramento. Enquanto transferimos a culpa dos desastres que elas vêm causando apenas para os apostadores, damos espaço e tempo para que os que mais lucram com a perda financeira e com a dependência continuem fortalecendo a presença das apostas online no Brasil.

Aos poucos, esse cenário tem mudado pela regulamentação. As propagandas estão se tornando mais conscientes, as plataformas mais responsáveis, com mecanismos que promovem o Jogo Responsável, e a população mais esclarecida. Mas a caminhada para um uso responsável das bets ainda é longa. A regulamentação foi um importante passo, mas não resolveu todos os problemas que elas causam; inclusive a própria lei é incoerente em alguns tópicos, como a destinação do arrecadado com as apostas.

Talvez você tenha notado semelhanças nas histórias de apostadores presentes neste livro. Essa repetição nos relatos reafirma como, de forma geral, todos os que apostam se tornam vulneráveis de alguma maneira. Há um padrão no funcionamento das bets e no

esquema de divulgação das mesmas, o que também acaba padronizando o comportamento dessas pessoas.

Sobre os personagens, lembro que eles só foram representados pelo primeiro nome porque optaram por participar em *off the record*, ou seja, sem que a informação seja atribuída a eles. Esse pedido foi cumprido porque as informações relatadas são sensíveis, e podem gerar discriminações ou retaliações. Manter o sigilo da fonte é uma das formas de proteger os que decidiram compartilhar suas histórias.

Expresso minha gratidão a cada um dos que dividiram suas vivências. Esses relatos comprovam como as bets são danosas e afetam os que apostam independente de idade, despertando a atenção para o cenário atual e para a necessidade de medidas que protejam os apostadores.

Agradeço também aos especialistas que participaram deste livro-reportagem. As análises e reflexões compartilhadas foram de extrema importância para esclarecer como as bets se relacionam com os cenários da sociedade, um dos objetivos centrais da obra – realizar uma análise multicontextual.

Este livro-reportagem foi fruto do interesse pessoal de se tornar escritora de livros, o principal motivo para iniciar o curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Ao descobrir a existência do livro-reportagem e a possibilidade de produzir uma obra deste gênero literário-jornalístico como Trabalho de Conclusão de Curso, tive meu interesse despertado. A escolha por protagonizar o esquema de funcionamento e divulgação das apostas online e os contextos sociais afetados por elas se deu de forma espontânea, ao perceber que esse tipo de jogo estava ocupando, quase que sem espanto da população brasileira, diversos espaços físicos e simbólicos no país.

Para esta obra resgatei os aprendizados da graduação e a experiência profissional que tive como estagiária no Jornal da USP do Campus de Ribeirão Preto, de agosto de 2024 a maio de 2025, onde escrevia reportagens para a editoria de Atualidades, e aprendi na prática sobre o gênero jornalístico. Para mesclá-lo com o gênero literário, usei as habilidades de escrita e de reflexão sensível que adquiri com o hábito de fazer poemas sobre situações da minha vida pessoal.

Ao final, acredito que este livro-reportagem cumpriu o papel do gênero: protagonizar uma realidade social com profundidade, sensibilidade e responsabilidade. Uma obra que alcançou o propósito de informar e provocar reflexão. O de revelar as camadas que se relacionam com o universo das bets e de registrar as experiências daqueles que vivem seus efeitos diretos na própria vida. Um livro-reportagem que, acima de tudo, ampliou a consciência coletiva sobre um problema social que já não pode mais ser ignorado.

Referências bibliográficas

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5-TR. Porto Alegre: Art-med, 2023.

AMIG (Associação de Mulheres da Indústria de Gaming). Mulheres nas Apostas. 2025.

ANBIMA (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais). 7ª edição do FInfluence: quem fala de investimento nas redes sociais. 2024.

BRASIL. Decreto nº 11.907, de 31 de janeiro de 2024. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1 fev. 2024.

BRASIL. Lei nº 13.756, de 12 de dezembro de 2018. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 13 dez. 2018.

DATASENADO (Instituto DataSenado). Panorama Político 2024: apostas esportivas, golpes digitais e endividamento. Brasília, DF: Senado Federal, 2024.

INSTITUTO LOCOMOTIVA. Pesquisa de opinião. Aplicada entre os dias 3 e 7 de agosto de 2024.

UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo). Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD): caderno temático jogos de aposta na população brasileira - resultados 2023. São Paulo: 2023.

“Todo o esquema dos jogos de azar online é arquitetado para induzir à adesão e ao exagero. A maioria dos que decidem apostar acaba sendo vítima dessa estrutura que leva ao deslumbramento. Enquanto transferimos a culpa dos desastres que elas vêm causando apenas para os apostadores, damos espaço e tempo para que os que mais lucram com a perda financeira e com a dependência continuem fortalecendo a presença das apostas online no Brasil.”

- Amanda Haikal

Este livro-reportagem é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel, no ano de 2025.